

# REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

## SUMÁRIO

**REDAÇÃO:** — Um novo ciclo na História de Minas Gerais, *Nota* — «Cada um de nós, cada qual no seu grau mais intenso ou imediato, participa desta tragédia universal», *discurso do Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira*. **COLABORAÇÃO:** — Observar para escrever, *professor Aires da Mata Machado Filho*. — Casa de pais - escola de filhos, *Aimoré Dutra*. — Um pouco de história do ensino em Minas Gerais, *Anselmo Barreto*. — Dario Veloso e a Filosofia em si, *Dr. Aristides Neves da Silva*. — Teatro de bonecas, *Elza Moura*. **DIVULGAÇÃO:** — Aspectos da Educação do Ensino nos Estados Unidos da América do Norte, *cliché*. **FATOS À MARGEM DA VIDA ESCOLAR:** — As Escolas de Enfermagem no Brasil, *discurso, professor Jurandir Lodi*. **PÁGINA INFANTIL:** — Um problema diferente, *passatempo instrutivo*.

HOMENAGEM DE "REVISTA DO ENSINO"



Governador Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira

# Revista do Ensino

Da Secretaria de Educação

## Um novo ciclo na história de Minas Gerais

Com a eleição do Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira para o cargo de Governador de Minas Gerais, abre-se um novo ciclo na História de nosso Estado que caracteriza-se, sobretudo, pela confiança despertada. O resultado das urnas foi, inegavelmente, a expressão da confiança exuberante do povo no cidadão de virtudes exemplares, escolhido pelos partidos para dirigir os destinos de Minas Gerais, porque foi além das previsões partidárias e adquiriu o sentido de uma consagração. Poucas vezes no curso de sua vida cívica, o povo mineiro mobilizou-se com tanto entusiasmo e vibração, para manifestar a sua vontade soberana nos comícios eleitorais.

Terra de lides cívicas e de refregas partidárias conduzidas, de modo peculiar e edificante, por elevada compreensão de responsabilidades e sobrelevado senso patriótico, mais uma vez evidenciaram os resultados da eleição do ilustre homem público que a gente mineira sabe pensar e sabe escolher, nos momentos decisivos em que se impõe optar e decidir por um caminho, que se afigura o mais certo.

A carreira de S. Excia. não poderia influenciar a letividade de modo diverso. Nos postos que tem ocupado, o Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira só teve ensejo de revelar-se o político e o administrador de ação

tenaz e inflexível, resoluto e desassombrado, que não vacila ante a extensão e profundidade de nenhum problema envolvendo o bem estar público, e mormente quando é preciso entrar na equação, não apenas o dia de hoje, mas ainda o dia de amanhã, o futuro de Minas e do Brasil.

Mais do que uma prova de acerto, a eleição de S. Excia., em hora tão conturbada para toda a humanidade, foi a decisão eloqüente de um povo inspirado nas realizações do passado e habituado às veementes atitudes que lhe exaltaram no Império e na República a fibra política, de confiar os seus passos às mãos firmes de um líder capaz de corresponder às mais caras tradições de bravura e benemerência. Minas afeita ao trabalho sem alardes, ao labor metódico, ininterrupto e produtivo, apelou para o guia seguro que estão a exigir as rotas tumultuadas por onde desgarraram social, moral e economicamente os povos e as nações.

O Governo do Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira se assinalará como um período de recuperação de energias, de atividades abrangentes, de impulsos revigoradores da economia montanheza em todo o quadrante administrativo. O seu passado político é desse pensamento que a todos anima, garantia tranqüilizante.

No setor de ensino público, inclusive, muito tem a esperar o nosso Estado da orientação esclarecida de S. Excia. Filho de professora, S. Excia. conhece diretamente o plano onde se acendem os primeiros lampejos do espírito nacional: a escola primária, e como aí dedicadamente preparam as abnegadas obreiras da Pátria Brasileira, que são as professoras mineiras, os cidadãos desta Terra que adquire valorosamente relevo internacional cada vez mais nitido e grandeza política de mais em mais respeitável, apesar de todas as vicissitudes.

“Cada um de nós, cada qual no seu grau mais intenso ou imediato, participa desta tragédia universal”.

(Discurso do Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, no ato da sua posse no cargo de Governador do Estado de Minas Gerais.)

Na ocasião em que recebia do sr. Governador Milton Campos o cargo de Governador de Minas Gerais, o sr. Juscelino Kubitschek proferiu o magnífico discurso abaixo, muito aplaudido:

“Ninguém melhor do que vossa excelência, homem de Estado e homem de pensamento, compreenderá que este ato não é para mim uma festa, ou um motivo de pura alegria. Já disse, e repito, que ao assumir o govêrno do nosso Estado, sinto-me investido de uma missão extremamente grave, **mormente nesta hora em que os povos vivem a mais difícil e perturbadora conjuntura histórica e em que tudo se reveste de um caráter alarmante de insegurança.**

Conhece a nossa geração, não por saber ou ouvir dizer, mas pela sua própria e dolorosa experiência, que as mais sólidas instituições sofrem abalo, desaparecem ou esboroam-se, como torres imaginárias que um vento dispersasse. O problema social cresceu e transbordou tudo destruindo e tornando caducos os sistemas políticos mais tradicionais.

Com os espaços diminuídos pelas comunicações vertiginosamente rápidas, o mundo, enfim, unido pela técnica, ninguém, nenhum povo, nenhum país pode considerar-se



defendido pelas distâncias. Cada um de nós, cada qual no seu grau mais intenso ou imediato, participa desta tragédia universal, quando todas as palavras são modestas para exprimir a época acelerada que nos coube viver.

Sucedendo a vossa excelência no govêrno do Estado de Minas Gerais não me sinto, portanto, isento das responsabilidades do drama do mundo, nem situado num ponto excessivamente defendido. Todos terão o seu papel, os sofrimentos e os sobressaltos no momento grave que inexoravelmente se aproxima e, conseguintemente, todos terão uma tarefa a cumprir.

Para nós brasileiros, o que importa primordialmente é a mobilização intensiva em favor da sobrevivência da pátria e de tudo que para nós é o Brasil. E é nesta conjuntura que Deus fêz cair sôbre meus ombros uma parcela de responsabilidade: a de governar o nosso Estado nesta época, a de velar para que Minas esteja cada vez mais presente e mais viva na unidade brasileira, cooperando pelo bem comum e tornando-se qualquer coisa de ativo e de alerta, de produtivo e de fecundo.

Nas breves palavras que pronunciei recentemente no Tribunal Eleitoral, aludi à tarefa que me parece caber a quem recebe esta alta investidura. Não há justiça social, nem cultura, nem nenhuma outra defesa possível para Estados que vegetam e povos que se arrastam na debilidade econômica, numa situação em que seres humanos existam sem participar sequer dêste mínimo de conforto que o grande doutor São Tomaz de Aquino julgava indispensável à própria prática da virtude. Por isso, todo o meu esforço e toda a capacidade de sentir os problemas que por acaso existam na minha natureza, vão voltar-se para a luta em prol do enriquecimento do nosso Estado, no sentido de que os homens que mourejam nos campos e nas cidades, possam viver melhor e conheçam e participem mais dignamente da sua condição de humanos.

Ao lado dêsse complexo de atividade material, relacionada com a industrialização, a eletrificação, as comu-

nicações, a agricultura e tantos outros fatores de propulsão da riqueza coletiva, seja-me permitido lembrar o dever de resguardar intacto o patrimônio espiritual de Minas, e para êsse fim nada ambiciono tanto como, adaptando-me às contingências da véspera histórica em que vivemos, alcançar também a graça de ouvir as inspirações dos nossos maiores que configuraram com o seu exemplo a paisagem moral da nossa Província.

Aproveito o ensejo, senhor Governador, neste momento em que se iniciam as minhas funções executivas, para saudar o povo mineiro, a cuja família tanto me honro de pertencer. E um povo admiravelmente dotado, com uma compreensão do humano, uma sabedoria naturalmente voltada para os problemas da política e resistente nos seus sentimentos cristãos e brasileiros. É um povo tranqüilo, com o gôsto da vida familiar e que soube conservar, apesar das muitas transformações da hora presente, as qualidades mestras do velho Brasil, um vivo sentimento dos valores eternos sem os quais tudo o mais não tem significação ou sentido.

Na campanha eleitoral recentemente encerrada, prova democrática que transcorreu com dignidade e honra para todos, visitei os quatro cantos do nosso Estado. Vi o esforço progressista de nossas cidades. Assisti a um espetáculo de heroísmo dos homens que se dedicam à vida campestre, denodados e fieis à gleba materna. Vi a pobreza e, no quadro da nossa pobreza, senti crescer o mineiro, homem sóbrio e resignado, que sabe dominar as suas inquietações com uma compostura perfeita e emocionante.

Neste instante em que assumo o Govêrno do Estado, conduzido pelos designios da insondável vontade Divina, relevem-me a emoção com que me dirijo a Minas Gerais, ao espírito que a anima e a unifica, à sua própria alma, a quem devo tudo o que há de mais forte e melhor no meu ser e que é o amor de Deus e a fidelidade à minha terra.

Constituído se acha o meu govêrno com um grupo de cidadãos capazes e dignos e o que posso afirmar é que marchamos para o futuro com plena consciência dos aspectos caminhos que se abrirão à nossa frente, mas sem pessimismos desesperantes, atentos à lição da natureza, onde as árvores não deixam de florescer pelo fato de ver cair as flores.

Senhor Governador Milton Campos: recebendo das mãos de vossa excelência este elevado cargo, que no Império como na República foi exercido por tantos varões ilustres e a que vossa excelência emprestou singular realce pelos dons do seu espírito e da sua cultura, é com o mais exato sentimento de justiça que saúdo em vossa excelência um virtuoso e sincero servidor das instituições republicanas."

## Observar para escrever

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

Já pensaram no proveito de uma excursão escolar, que enriqueça o vocabulário e venha a rematar em trabalho de redação? Com certeza, não poucas professoras primárias a efetuaram, com êxito variável, conforme as circunstâncias. Nos ginásios, ai de nós, tem-se mais o que fazer.

Ponto fundamental é a preparação. O professor há de inteirar-se previamente das oportunidades que então se abrem ao aprendizado. Para o fim, disporá de leituras ou da observação pessoal e, ainda melhor, da conjugação desses dois meios. Depois, é tratar da excursão propriamente, sem negligenciar o estímulo do interesse, hábilmente encaminhado para o objetivo em vista. Assim, ao cabo de visita a uma olaria, **por exemplo, ter-se-á a composição** exata, viva, e, sobretudo, pessoal. A lição servirá para todos os casos. A expressão **liga-se à vida. Cifra-se a composição** na ordenação das observações pessoais.

Leitura vale muito, justamente porque permite surpreender o ensinável e aproximar-se do recôndito nos processos do estilo, sem falar na cópia de informações de toda a sorte. Venha coadjuvar as diligências, completando a experiência do aprendiz e deixará de ocasionar a imitação servil. Afinal, todos os meios empregados, convergem para um só. Capacidade de observar, completada pela expressão que se elabora, eis o segredo da arte de escrever.

Transcrevemos le "La Educación de la Adolescencia por la Composición Libre", por Constantino Murezanu: "Escoheu-se como tema "O pôr do sol". Importa em primeiro lugar,

observar o fenômeno. Para isto o professor leva os seus alunos a passeio. Os alunos levam cadernos e lápis. Eis-nos aqui sentados na grama diante do sol, que desce para repousar. Por meio de algumas palavras de introdução, os adolescentes são incitados a abarcar com o coração a beleza do pôr do sol e de todas as suas significações. O professor põe-nos em relação com as forças da natureza e com as reminiscências históricas. O povo eterno, a pátria em seu passado como em seu presente, surge diante de nós. Quem poderá enumerar todos os estados da alma que se sentem em semelhantes momentos? Como era triste para os jovens romenos o pôr do sol, quando o vermelho do horizonte simbolizava a pátria crucificada pela liberdade de seus filhos! Suscitava-se assim aos alunos o amor do torrão natal, imagem da pátria. As emoções dinamizam a energia espiritual antes de lançada a semente. Eis aqui um processo contrário ao da escola tradicional, que pede o aluno comece seu trabalho por um esquema lógico. "Para empreender um trabalho de criação", conclui o grande pedagogo, "é preciso estimular as potências, atualizá-las a fim de torná-las criadoras".

O exemplo indica a correta maneira de aplicar o método da observação. Dá resultado favorável, ainda quando o tema, como no caso foi difícil e perigoso. Mesmo na adolescência, quadra propícia à visita da poesia, só raros alcançarão trabalho satisfatório; a maioria desambará no psitacismo, repisando chavões, principalmente se a observação e contemplação do fenômeno, não forem julgadas indispensáveis. Se a importância da observação anda em todos os bons manuais, a deplorável impressão de composições convencionais sobre temas impostos pertence à experiência negativa de todos os professores. O lado positivo da que foi citada depende, tanto da orientação, no educador que a viveu, como da circunstância favorável de poder estabelecer-se liame significativo entre o aspecto da natureza descrito e o sentimento humano de valor moral, magnificado no patriotismo, que a conjuntura convidava a despertar. O principal é que o tema apresente condições de tornar-se assunto realmente vivo.

Outra passagem do livro profundo e encantador de Constantino Murezanu mostra, em pleno funcionamento, a leitura e a observação associadas, no esforço pela composição livre. Essa, na verdade, é bem diferente da escolha arbitrária do assunto pelo professor ou pelo próprio aluno. Impõe-se por si mesma à espontânea adesão de quem escreve. Com isso, apresenta alcance estético, pois só se comunica movimento e graça ao assunto vivido e sentido. Faz parte também do propósito formativo que há de impregnar todas as atividades escolares. A composição livre manifesta caráter educativo, tanto nos elementos ministrados para o conhecimento do aluno, como na oportunidade que oferece a esse para o desenvolvimento autônomo da personalidade.

Vejamos. Tratava-se de fazer uma descrição do mar, "Para fazer esta composição" — explica Murezanu — "os rapazes tinham duas semanas. Observaram de novo o mar e anotaram suas impressões. Os desenhos completaram as observações. Enquanto trabalhavam, o professor fazia ler em aula textos referentes ao assunto. As descrições literárias e científicas do mar serviam-lhes de guia. Repitamo-lo de guia e não de pretexto para esquivar-se à observação pessoal. Assim guiados, os alunos compreendiam as belezas da Natureza e também o esforço e trabalho do escritor.

"Os escritores estudados em aula eram não somente um meio dinâmogênico, mas também de sugestão criadora mediante suas próprias criações, vitórias do espírito. Afirmava-se a simpatia entre os escritores e os alunos. Pela composição o jovem se aproximava do escritor e o escritor do jovem. Ah! Quantos em nossa juventude sonhávamos parecer com tal ou qual escritor? O professor insistia continuamente sobre o fato de que por meio de um trabalho pessoal e audaz é possível a vitória (não é o valor uma força criada-ra?)" (Op. cit. pág. 48).

Ainda aqui o tema do mar, demasiado geral, terá cabimento em determinadas circunstâncias favoráveis. Pode ocorrer, depois de tratados outros assuntos mais simples e mais concretos, em conveniente gradação. Nunca terá cabi-

mento, se os alunos não se acharem em condições de estabelecer contacto pessoal e direto com o próprio mar. Em qualquer caso, mantenha-se o posto fundamental da observação, animadora da composição livre.

Muito importa aguçar a receptividade dos sentidos e estimular a penetração da intuição artística. As circunstâncias da vida atual multiplicam as oportunidades para enriquecimento da experiência, bastando considerar as contribuições do cinema, quer educativo, quer instrutivo, quer simplesmente recreativo. Os professores é que não se adaptaram às novas possibilidades que a diversa realidade lhes depara. Os esforços assim orientados hão de primar pela harmonia. Na síntese, coroamento da percepção sensorial e fruto da elaboração da sensibilidade, predominarão elementos desse ou daquele sentido segundo as diferenças dos tipos psicológicos. E o desenvolvimento não se efetuará discriminadamente, antes há de processar-se em conjunto. Exercícios para cada sentido, em descrições apropriadas, como alguns preconizam, nunca podem contribuir para ordenar a aquisição do vocabulário, nunca devem aplicar-se ao aprendizado final da redação. Certo, a base da percepção está na informação dos sentidos. Mas o mistério da criação ultrapassa o plano sensorial. Começa na própria observação para, em desenvolvimento contínuo, culminar na intuição artística, cuja iluminação se irradia em pontas, precisamente por ser nítida, uma, estelar.

## Casa de pais — escola de filhos

AIMORÉ DUTRA

O problema da disciplina é, sem dúvida, dos mais inquietantes que se deparam ao educador moderno.

E a sua gravidade vem de um princípio que pode não ser aplicável em todos os casos, mas é sempre uma presunção justificável — a casa dos pais é a primeira escola dos filhos.

Ora, a mestra nata de tódas as virtudes ou de todos os vícios humanos é, incontestavelmente, a mãe de família. O patriarcado é uma convenção jurídica da sociedade. Mas o matriarcado é uma lei natural da própria vida. Por mais duro que pareça é sempre verdade que tudo quanto falta no comportamento dos filhos, é o que falta na orientação das mães.

Quando se encontra um menino ou um moço mal educado, não se pode deixar de transportar a severidade do julgamento para o lar de onde ele vem.

E o julgamento não poderá recair tão pesadamente sobre o chefe da família que, pela natureza mesma da sua situação de encarregado da previsão e da provisão do lar, é sempre uma autoridade ausente, — mas sobre a mãe da família que pelas imposições das próprias leis biológicas é uma autoridade sempre presente.

Uma velha e acertada praxe de avaliar-se a educação das pessoas manda que se lhes estude o comportamento em três modalidades de treino social — na mesa, na igreja e no jogo.

De fato, na igreja podem estar, por imposição e exigências da ética social, indivíduos completamente indiferentes

ou avessos à religião que ali se confessa, mas que se comportam respeitosos e educados para com as convicções alheias em matéria de fé.

Igualmente, podem comparecer adeptos espalhafatosos de piedade formal, cuja religião, misturada de superstições e dubiedades, fá-los se comportarem com incoerência e indignidade ante a sagrada magestade das cerimônias e do ritual do culto que publicamente professam.

Que se pode pensar do ambiente interno, do lar de onde vêm tais pessoas?

Que se pode pensar da firmeza da fé, da piedade da mestra nata que primeiro uniu as mãozinhas débeis do filho na aprendizagem da prece, para ensiná-lo a lançar no mistério a âncora das suas esperanças?

Conclui-se que tudo isso se pode resumir numa via e desalentadora manifestação de rotina e não numa verdadeira noção dos rumos espirituais dos destinos humanos.

A mesa é outro campo de julgamento. É o lugar onde o animal deve atenuar o mais possível as falhas das contingências biológicas para se aproximar o mais possível das verdadeiras fronteiras do humano. A mesa denuncia logo de onde vem o comensal — o seu nível social, a sua origem de família, os seus hábitos de polidez ou de rusticidade.

E isso porque entremonstra os hábitos domésticos dos pais — em fim, toda a escala de decência ou de grosseria hereditária que vêm com o sangue e se armazenam no subconsciente, invisivelmente dominadoras como um brado de instinto ou um laivo de sestros enraizados nas práticas atávicas de uma família.

O jogo, — aposta ou desporte, — é outro estalão mais ou menos infalível onde se seleccionam as gangas e os quilates dos caracteres e dos temperamentos.

Sendo um galvanizador do mundo misterioso da nervosidade, êle mostra até onde chegaram as técnicas primitivas de contróle das emoções.

Esclarece como as vibrações do espirito se policiam em atitudes superiores, não sofrendo nunca dêsses transborda-

mentos vexatórios que se derramam em gestos e palavras violentas e descorteses no asar ou na sorte, — nos campos da liça ou nos palanques das "torcidas".

Pelo que ai fica, pode-se inferir o desaponto do educador que encontra pela frente um elemento indisciplinado e anarquizado da classe a que pertence e à qual traz em constantes e incoeríveis agitações.

Muitas vèzes é um menino ou um moço que vem de camadas colocadas por circunstâncias económicas, políticas ou culturais, em nível social elevado. Mas o desencanto do professor virá da presunção justa de que, nos bastidores do cenário doméstico dêsse educando, agitam-se não personagens de uma elite real de pessoas bem educadas, mas fantasmas que os aparatos das convenções apresentam á fôra com requintes falsos de uma linguagem mental e moral a que não pertencem.

São uma troupe grosseira de *nouveaux riches* do dinheiro ou das posições assaltadas, os *gentlemen* falsificados que nos golpes do acaso ou nos carunchos das tradições avoengas se apegam, não para conservar-lhes viva a seiva da nobreza, mas para enfeiar-lhes e enodoar-lhes a vetustês hierática do porte, parasitando-a como o bolôr ou o líquen dos troncos enfermiços.

Por mais contundentes que sejam essas presunções, elas surgem no espirito do professor como ferrêtes estigmatizadores do aluno indisciplinado.

E o pior de tudo é que a sua incidência causticante não vai castigar diretamente o pai dêsse aluno: vai cair como uma censura pesada e irremissível sôbre a conduta da mãe de família, porque a educação bebe-se com o leite materno. Porisso mesmo, podemos dizer que se a casa dos pais é a escola dos filhos, o leite materno é o alimento educacional das gerações.

Por mais humilde que seja a mulher, por mais modesta que seja a sua condição social, ser-lhe-á sempre fácil incutir



boas maneiras no comportamento dos filhos porque tôda tarefa que começa cedo é rendosa.

E a tarefa da mãe de família, na parte da educação dos filhos, começa desde as primeiras gôtas de leite que lhes dá.

Se a casa dos pais é a primeira escola dos filhos, o ragaço das mães é a primeira aula da aprendizagem essencial das boas maneiras e do bom comportamento do homem no seio da sociedade.

Estranhamos, certa vêz, o comportamento incoerente de um amigo que andava intoxicado de Buchner, de Vogt, de Hobbach e de Haeckel, mas que não passava por uma cruz sem tirar o chapéu.

Observando-lhe que sua atitude estava em claro antagonismo com as suas convicções filosóficas e, conseqüentemente, com a firmeza das idéias que alardeava, êle nos disse a mais sábia e comovedora explicação: É a sombra da velha, meu amigo, é a sombra da velha que me impele a isso...

E adiantou-me mais, numa ilustração patética do seu drama mental:

— Nunca posso passar pelo símbolo maximo do cristianismo, sem prestar-lhe o tributo respeitoso de uma saudação piedosa que minha mãe me ensinou desde tamaninho:

— “Deus te salve cruz bendita  
que no céu estás escrita”.

Diante do sêlo do martírio e da glória do reformador Nazareno eu não indago a legitimidade da sua vitória, — vejo a longa teoria de almas piedosas numa fila de vinte séculos de fé e de esperança e, no meio delas, minha pobre velha... Vejo o meu lar, na doçura ingênua dos seus serões em que a bondade incançável de minha mãe, através da pedagogia espontânea do coração, nos falava dos ensinamentos de Jesus, focalizando verdades simples, luminosas, eternas e doces como jamais pude encontrar nos venenosos

e amargos serões da ciência ou da filosofia de nenhum outro mestre.

Minha saudação à cruz é uma reverência à sombra da velha... não é necessário crer para amar e respeitar, porque a ciência é uma graça, o amor uma necessidade e o respeito um dever”.

Esse episódio demonstra que os ensinamentos maternos podem flutuar, na vida do homem, sôbre as tempestades mais violentas do coração ou do espirito, com a magia de um arco-iris que une dois infinitos: a terra e o céu.

## Um pouco de história do ensino em Minas Gerais

Tema distribuído ao professor Anselmo Barreto, Inspetor Técnico do ensino, como prova encerrando o curso que fez no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, no Rio, no desempenho satisfatório e honroso de uma Bólsa de Estudos que lhe foi conferida.

“Quais as modificações verificadas na escola primária em consequência de mudanças ocorridas na vida cultural brasileira, no período compreendido entre minha formação escolar e a época atual?”

Minha escola primária. O ambiente. Meu professor. Métodos. Fatos.

O tema, por demais sugestivo, exige, para ser perfeito, um estudo demorado e uma documentação abundante, como é do gôsto da gente norte-americana. Dada, porém, exigüidade de tempo, e mais, a delimitação do número de palavras, limitar-me-ei a uma exposição, “a grosso-modo”, do assunto.

Cumpr-me, ainda, declarar que me socorri apenas da memória, não me valendo de nenhuma fonte de informação.

Meu primeiro contacto com a escola primária se deu lá pelos idos de 1907, numa vilazinha do interior mineiro, na zona da Mata. Tratava-se de uma escola pública, a única então existente no atual município de Barra Longa. Era dirigida por um professor severo, temido pelo seu rigor.

Os pais, quando um filho praticava qualquer peraltice, sentenciavam, com solenidade: — deixa-te estar que, no próximo ano, vamos entregar-te aos cuidados do mestre AUGUSTO DE QUEIROZ.



A primeira idéia, pois, que tive de escola, foi a de um lugar de castigo dirigido por um homem mau. O prestígio do mestre-escola era indiscutível. Todos o detestavam, cordialmente.

O método de leitura era o sintético. Partia-se do conhecimento das letras para o das sílabas e, destas, para o das palavras. As sentenças vinham por último. A aritmética começava pelo ensino da taboada, qua se aprendia cantarolando, monótona e penosamente. Tudo decorado. O exame de leitura, o mais importante, em geral presidido pelo vigário, aliado do mestre, era feito em documentos desconhecidos, tomados de empréstimo aos cartórios.

A finalidade da escola primária consistia em ensinar a ler, contar e escrever. Faziam, também, parte dos currículos noções de História do Brasil e Geografia. Os "pontos" eram dados por escrito e deviam ser "recitados".

Bom aluno era aquele dotado de melhor capacidade de memorização.

A disciplina era imposta. Para os "rebeldes" e de menor capacidade de decorar, imperavam os castigos físicos e morais. Falar em personalidade do aluno era crime que não se perdoava. Pregava-se a democracia, na praça pública, nos dias festivos, e preparavam-se gerações de escravos nas escolas.

— 1910 —

Em consequência da campanha civilista, chefiada em 1910 pelo imortal Ruy Barbosa, o rigor nas escolas entrou em declínio, passando os mestres a respeitar um pouco a personalidade dos alunos.

As idéias democráticas do grande paladino das liberdades públicas abalaram as convicções dos mestres, com vantagens benéficas à formação das novas gerações. O grande brasileiro feriu de frente, sem demagogia, o rígido "princípio de autoridade" que deturpava a educação moral e intelectual. Até então, a democracia era uma "coisa" para adultos, impenetrável à mentalidade dos mestres que eram senhores absolutos, deformadores da personalidade dos alunos. Ao campeão das idéias democráticas que combateu o bom combate contra tódas as formas de absolutismo ficou a escola primária a dever, pelas gerações novas, uma grande dívida, que ainda não foi de todo resgatada.

Aquêle ano de 1910 marcou, também, para mim e para os meninos da minha escola, um acontecimento novo, provocando uma curiosidade incomum. Refiro-me ao aparecimento do "cometa" HARLEY. Com poucos anos de idade, filho de família profundamente religiosa, "sabia" até então que as estrêlas brilhantes eram enfeites externos da "casa de pai do céu". Qual não foi, porém, o meu espanto ao ouvir do mestre uma lição sobre a abóboda celeste, com uma explicação diferente do céu! Aquilo foi para mim, sem dúvida, uma pedra no sapatinho de minha imaginação de criança. Daí por diante passei a "desconfiar" do céu que conhecera no lar paterno.

#### VIDA DE PROFESSOR

Outro fato que me intrigava naquela época era a desigualdade social. Filhos de pais que exerciam profissões "mais nobres" não gostavam de relações com os colegas filhos de operários e de lavradores, muito embora existisse uma certa "aristocracia" rural. O preconceito, então, contra os pretinhos era muito grande. Ninguém gostava de ficar perto dos poucos que freqüentavam a escola.

Minha carreira de professor teve início em 1922, na bicentenária cidade de Pitangui, no oeste mineiro. Já bacharel em Ciências e Letras, passei a trabalhar como professor e diretor interno do Ginásio, tendo como chefe um dos maiores educadores de Minas Gerais — Monsenhor Arthur de Oliveira. Fundamos, também, uma Escola Normal, com classes primárias anexas. Daquela época até hoje venho acompanhando de perto as transformações da escola primária. O programa do ensino era, naquela época, bastante flexível. Constava das seguintes disciplinas: — leitura, linguagem (oral e escrita), aritmética, noções de História do Brasil, Geografia, educação moral e cívica e religião.

Estávamos ainda pouco familiarizados com os métodos já empregados na Europa, como consequência das conquistas científicas do após-guerra. Devo entretanto, dizer, a bem da verdade, que era bem risonha a nossa escola.

O Brasil atravessava, então, uma grave crise política, ameaçado que estava pelo divórcio existente entre o govêrno cen-

tral e as classes armadas. Por outro lado, o comunismo procurava, de um modo menos grosseiro do que hoje, captar as simpatias dos intelectuais moços. Enfeitar-se de comunista naquele tempo era elegante e uma prova de superioridade mental.

Os professôres com deveres definidos em leis e regulamentos, não tinham garantias efetivas. A insegurança em que viviam, sujeitos à demissão e remoções, refletia danosamente no desenvolvimento da escola primária. Imperava a rotina. Ausência total de iniciativa.

No meu Estado natal, em 1928, com a reforma Francisco Campos, o professorado tomou alma nova. Amparado moral e materialmente, o mestre mineiro iniciou uma verdadeira revolução no ensino. Fundou-se a Escola de Aperfeiçoamento. Foram contratados técnicos europeus. Difundiram-se os princípios básicos da Escola Nova. A nova metodologia passou a ser estudada e aplicada com êxito nas escolas. Recebemos as visitas honrosas de Claparède e de Pièrre Janet.

Em consequência, ainda, da reforma, foram divulgadas as melhores obras de pedagogia dos mestres estrangeiros. Renovou-se o corpo técnico, com o aproveitamento de elementos novos, selecionados por concurso de provas. As classes primárias passaram a ser organizadas com maior homogeneidade, pela aplicação de testes.

— 1 9 3 0 —

Com a vitória da revolução de 1930 foi implantado no país um regime novo, recebido com simpatia geral. Aos poucos, porém, o novo regime foi se modificando até que, em 1937, se implantou no país a ditadura. Os mestres, principalmente, os do Estado de Minas, receberam mal a nova ordem de coisas, por ser anti-democrática. Valeram-se, por isso, da escola para combater a ditadura. Muitos sofreram perseguições, vendo suas escolas se fecharem. O regime ditatorial, a exemplo do que se fazia na Itália e na Alemanha, tentou, por todos os meios, atrair a juventude das escolas, empregando os processos usados naqueles países.

Os mestres, porém, se mantiveram vigilantes, pregando a democracia, preparando a resistência, não cooperando.

A segunda guerra mundial pôde, assim, contar com a mocidade brasileira na linha de frente, ao lado das democracias.

O preparo democrático dos glriosos "pracinhas" foi obra dos metres primários, heróis anônimos, viga mestra da nacionalidade. Novos problemas oriundas da guerra, atormentam todos os povos modernos, gerando ódios, aprofundando cada vez mais o dissídio de classes, criando novas filosofias de vida, etc.

No meio da tormenta, progredindo sempre, o mestre primário brasileiro continua a exercer o seu papel de preparação das novas gerações, tomando parte saliente na solução dos problemas fundamentais da nacionalidade, prevenindo os moços contra os falsos profetas, ensinando-os a amar o Brasil, sem odiar os outros povos.

O americanismo, de um modo especial, graças à ação dos mestres, vai tomando um rumo mais objetivo, mais realístico.

A duração das pátrias depende, sobretudo, do apêgo às tradições. O mestre brasileiro se vale das nossas coisas do passado, fixando-as na alma das novas gerações, preparando-as para um futuro melhor.

Rio, 23, de dezembro de 1949

Anselmo Barreto — Bolsista

## Dario Veloso e a Filosofia em Si

ARISTIDES NEVES DA SILVA

*O professor e o mestre. Um conceito filosófico de Ensino. A Filosofia na Educação e a educação filosófica. Instrução e Educação. Da Instrução para à Filosofia para. Origens filosóficas da pedagogia moderna. Uma disposição de espírito para a vista unitária do saber.*

Talvez bem poucos homens tenham existido dotados de tantas qualidades igualmente intensas, fortemente manifestadas, como Dario Veloso. Era um temperamento incendiado, em contínua hipertonía de ação, que fazia de seu ser um desdobramento constante de si mesmo. Era daqueles homens em que a tônica do viver atinge as próprias células, alcança o coração e domina a alma. Era dos que vivem bombardeando um objetivo com tôdas as sua partículas orgânicas, despedidas em turbilhão de emoções e em torrentes de princípios numa mesma direção, em penetrante emanação de onda curta, em permanente vibração de alta frequência. Tinha êsse potencial energético que transforma um ser em fonte de permanente interesse e em centro de movimentos humanos de caráter superior. Natureza tocada a fundo pelo compasso do universal, seus dias foram um constante empenho de identificação dos aspectos da existência com as finalidades do mundo. A vida do espírito era o sangue do seu corpo

Foi êle uma realização em si mesmo e sua vida um grande acontecimento cultural. A solidez de sua construção idealística, que nos dá com sobra a média do seu espírito, bem como sua larga influência dentro dos quadros dinâmicos da vida, que nos demonstra o seu nunca descurado interesse pela condição humana e por uma concepção das imposições do cotidiano menos deformante para o destino

dos seres, mostraram-nos que êle foi não sòmente "um modo de pensar" mas, acima de tudo, foi "um modo de ser".

Quem conhece sua obra tem convicção de encontrar em seu autor uma das mais sòlidas formações filosóficas do nosso meio.

Sua ação não se restringiu ao levantamento de um sistema de diretrizes ou de um corpo de doutrina com capacidade própria e recursos suficientes para construir uma via permanente para o curso das idéias. Sendo um emérito didata, deu às concepções que elaborou e aos seus grandes conhecimentos uma finalidade pedagógica: — durante toda sua vida, ensinou, instruiu, educou, esclareceu e informou. Transmitiu às gerações sucessivas o exemplo de uma serena e honesta imparcialidade de opinião em face do montanhoso panorama do pensamento, dentro de idéias e conceitos onde lhe servia uma ilustração larga e profunda, que estava muiço acima dos grandes valores do seu tempo.

O modo como apresentava os assuntos era nêle uma arte preciosa. A atração que sabia despertar para pontos de programa ou temas de estudo — que recortava e brunia com uma forma elegante e pura — era um desses segredos artísticos que raramente serão conseguidos através das virtualidades da palavra humana. Cercava as questões de tal precisão de termos e definições — cada qual mais clara, cada qual mais perfeita e exata, cada qual mais sugestiva e bonita — que o objeto de sua análise corporificava-se em relevos de escultura aos nossos olhos, como imagem viva e plástica. Infundia calor e movimento, atributos de vida, ação de esperança real aos temas que estudava. Pontos conhecidos, êle os tratava de um modo surpreendente e inesperado, descobrindo-lhes ângulos e faces escondidas que lhes renovavam o interesse e a significação. Aspectos aparentemente banais de um fato, de um caso, de uma circunstância, conseguia valorizar, mostrando as consequências e aplicações úteis que dali se podiam tirar. Sabia achar sempre uma feição nova para os assuntos velhos, reavivando-os com o sôpro de recentes e sugestivas interpretações.

O que era sêco e árido para êle sempre tinha algum lado colorido que atraia. Matérias extranhas e complexas êle reduzia com facilidade às porporções do compreensível, delimitando-as com as visadas de uma interpretação clara e direta, que as tornava quase intuitivas. Eram-lhe objeto de respeitoso acolhimento, de atenção generosa, as amostras novas, recém-chegadas. Vistoriava-as com benevolência, examinava-as com proficiente interesse. Nenhuma lhe escapava à análise peruciente, justa, conscienciosa, que desde logo as tornava conhecidas e familiares, concedendo-lhes o lugar merecido no catálogo das idéias.

Não era só *virtuose* da palavra. Tinha, como poucos, o sortilégio de transmitir. Recordar suas aulas é perceber, ao contacto dos sentidos, os esplendores agradáveis de um país de sonoridades e transparências, onde bem desejaríamos residir sempre.

Ao lado dêsse brilho, uma sobriedade e um rigor sem par na exatidão interpretativa. Transmittia as noções com o máximo de sua pureza nascente, assim como foram concebidas, do mesmo modo como se mostraram ao espirito do homem, qualquer que fôsse a origem donde proviessem. Esci-mava-as, o quanto possível, do fenómeno quase inevitável da "refração psicológica", desvio do sentido original que sofre uma idéia ao passar pelo coeficiente pessoal de cada um. Nunca teve, na cátedra ou nas salas de palestra — que illustrou por mais de trinta anos e onde as mais palpitantes questões do pensamento eram versadas com calor e vivacidade — o menor risquício de pretensão doutrinária. Não torcia. Juiz impertérrito do saber, expunha — com igual interesse, com o mesmo propósito de penetração, com a mesma dignidade e exato espírito de discernimento — os temas defendidos pelas mais diversas escolas e correntes de pensamento, fôsem elas, ou não, simpáticas ao seu modo de entender. Não havia surpreender o seu modo particular de pensar ou as suas inclinações pessoais por êste ou aquêlê modêlo doutrinário ou sistema de idéias, dentro de suas aulas — que a sua incomparável preparação didática, o seu pendor inato

para o ensino e o seu grande poder de exposição tornavam em horas de prazer e encantamento para o auditório. A sua imparcialidade era inteiriça. Tinha, como professor, o pudor da opinião.

Nunca foi setencioso. Não coloria as idéias com o matiz do seu pensamento. Dava, sim, aos seus alunos, os elementos integrais para aquisição do conhecimento. Não manifestava um modo de ver através dos seus óculos. Fornecia, antes, o telescópio para as grandes focalizações de conjunto, proporcionava os instrumentos de alcance e penetração no campo do saber, para a esteticística do conhecimento. Era um propedeuta da idéia, um democrata do saber.

Esse traço enobrece notavelmente o seu caráter intelectual. Em homens como êle, que para si mesmos criaram a sua maneira peculiar de ver e interpretar os fenômenos, as causas, os princípios, o mundo, o homem e a natureza — para aquêles que elaboraram uma fórmula própria de pensar — êsse equilíbrio é tão difícil manter, que só se pode conceber tão singular virtude didática em quem atingiu, em face da história do pensamento, um superior domínio dos pontos de vista doutrinários, uma completa consciência do valor específico das opiniões filosóficas. Só uma armadura dessa solidez cultural pode conferir à esfera mental do homem aquêlo estado de augusta serenidade que êle conseguiu incorporar ao seu espírito e que se tornou para êle como uma segunda natureza.

Ele era sempre o mesmo — presidido pelo maior equilíbrio — tanto na cátedra pública como no seu banco particular de palestras filosóficas. Tanto na cadeira oficial, onde sua grande erudição de História da Civilização evidenciava o ilimitado campo de operações do espírito que aí se desdobra, como em seu curso gratuito de Filosofia, ministrado durante várias décadas, com desvelo apostolar, a muitas gerações de ouvintes e mantido exclusivamente pelo seu extremado amor à causa da difusão dos conhecimentos.

Tanto numa como noutra, seus ensinamentos não delimitavam fronteiras para o exercício nobre das opiniões livres e dos conceitos independentes. Eram um campo aberto para plena manifestação do raciocínio, onde todos os ventos, qualquer que fosse a sua direção, eram bemvidos ao discernimento e ao senso crítico. Ao transmitir os dados fundamentais do mecanismo do ciente e do consciente, apontava as fontes básicas do estudo, mostrava os elementos substanciais de cada disciplina, onde se acham as chaves do "ser" e do "conhecer" — pontes de comando do espírito, que são as pernas, os braços e o corpo de locomoção para as assistentes interrogações do entendimento.

Era o provedor daquelas matérias primas da mentalidade que tornam os indivíduos capazes de se servirem de suas próprias aptidões para estudar, aprender, discernir, pesquisar, em qualquer tempo e qualquer que seja o meio em que se encontrem. Fazia, do melhor modo, a eurística do espírito. Versava a Filosofia sem adjetivos, sem adjuntos, sem apêndices. Equidistante das maneiras, estilos e esquemas adotados pelos múltiplos sistemas conhecidos. Professava a Filosofia "em si".

Nunca é demais insistir neste ponto de fundamental importância, tanto no desenvolvimento do senso de análise como na boa receptividade e íntegra percepção da índole das variadas disciplinas em que se distribui e divide a massa dos conhecimentos. Esse modo, que chamaremos *natural* ou *euritmico*, de ministrar os conhecimentos especulativos, representou, em Dario Veloso, uma das mais formosas qualidades do seu espírito.

Não lhe serviam os meios parciais ou os processos unilaterais. Nada de informes fracionários que mal indicam posições, ou derivações vacilantes que mal fornecem uma direção e mal delimitam situações. Nem pontinhos, nem apontamentos particulares para o êxito precário dos trajetos curtos, ou regimes ambulatórios deficientes para as travessias provisórias. Em vez disso, dava logo a bússola — o instrumento definitivo da independência de pensamento —



para a orientação completa em tôdas as latitudes da vida e do conhecimento.

É um documento-honroso dessa liberdade — que êle estimulava e que facultava a eclosão espontânea do pensamento em cada um — um fato muito significativo, que o coloca em situação de grande superioridade como professor, e que o torna talvez, na história do ensino, um raro exemplo de homem de idéias que conseguiu situar a sua cadeira de professor, a sua função de ensinar, acima das opiniões que esposava: — Das suas lições — brilhantes e clássicas, didáticas e eruditas, onde os dotes de um excepcional conhecimento se aprimoravam numa cabeça de sábio e numa completa formação de filósofo — saíram alunos que, depois, na vida da inteligência, vieram ocupar, no cenário cultural do País, as mais diversas atitudes mentais. E são êles, sem dúvida, nomes firmados da intelectualidade contemporânea. Deu ao seu papel, no desenvolvimento dos seus cursos e na direção intelectual da sociedade, maior valor do que às suas convicções particulares. Não receitava *uma* cultura para homens. Preparava homens para a cultura. Resultado dignificante para o magistério. Atestado de honra da sua categoria como lente.

Invariavelmente, durante tôda a sua longa trajetória pelo magistério, êle conservou êsse admirável critério de isenção. Critério que resulta, assim pôsto, numa técnica de conhecimento e num recurso fundamental ao raciocínio, em face dos dados formais da inteligência, para o trabalho aquisitivo do saber. O fenômeno do aprendizado torna-se assim uma entidade impessoal, sediada em fatos, causas, efeitos, circunstâncias, objetos ou fatores localizados fora do limite sentimental ou opinativo de cada um, e nunca fazendo parte, em suas "mostrações" e objetividades, das variações do quociente humano. A verdade se aclara como ela é, o mais possível fora das modalidades e caracteres do ser, o quanto possível fora do ser — no exterior das suas influências.

Cada qual se capacita de que as verdades são o que são, e não o que a vontade ou o sentimento quer que seja. Quan-

do aplicadas, introduzidas num plano ou fazendo parte de uma regra de ação, serão aproveitadas de acôrdo com um sentido que pode tornar vários os fins ou os resultados, segundo as vias estabelecidas para o seu aproveitamento, dentro de um certo limite de escolha, que, mesmo assim, não altera a natureza íntima da verdade em si.

Nunca usava êle do exame crítico das idéias como meio de persuasão ou de dominação de uma delas sôbre o espírito, onde uma prevalesse como um imperativo e com prerrogativas de direito sôbre o pensamento. Sua crítica era um processo de esclarecimento socráticamente distribuído, equilibradamente ajustado a tôdas as direções do pensamento.

Através dessa indiferença expositiva, que o tornava insuspeito para discorrer sôbre qualquer departamento dialético ou experiencial dos conhecimentos, sentia-se a valorização da Filosofia no seu grande sentido, da Filosofia vista através dos sistemas e não por meio de um dêles, da Filosofia como uma propriedade essencial do entendimento, o maior predicado da faculdade de pensar, e não apenas como um mero fator de ilustração ou simples brinco do espírito.

Via êle, na Filosofia, ao lado das finalidades últimas, as suas preocupações objetivas, as conseqüências de imediato efeito de sua aplicação sôbre o mundo e as organizações humanas. Prezava-a, cultivava-a, ensinava-a como uma necessidade tão indispensável e útil ao bom equilíbrio e à boa percepção dos poderes mentais como qualquer disciplina profissional de aplicação imediata aos ditames da vida, ainda mais importante do que estas em muitas acepções. Se não fôsse assim, seria apenas uma cultura sem solo.

Merece ser salientada a significação excepcional dos seus cursos de Filosofia, que êle manteve gratuitamente, durante tantos anos, em Curitiba, abertos a tôdas as inclinações, franqueados a todos os pendores, e que representaram um ponto alto de convergência da intelectualidade paranaense.

Tinham um título modesto: palestras. Eram mantidos sob um texto simples: o de entreter digressões ou discre-

tear sobre assuntos de interesse geral, para aproveitar algumas horas vagas daquelas tardes curitibanas.

Horas vagas apenas para os ouvintes. Não para ele que tinha o tempo medido e calculado, e para quem aqueles momentos representavam uma das máximas finalidades do seu empenho idealístico. Assuntos superficiais apenas na aparência, porque, em verdade, aquelas tertúlias intelectuais, despretenciosas e modestas, constituíram por muito tempo um hábito tradicional de espírito para a comunidade intelectual da época e tinham um conteúdo profundo, onde os temas mais sérios e importantes eram esclarecidos, salientados, debatidos com invulgar proficiência. Grandes eram aquelas lições. Verdadeiras conferências de cunho intelecto-cultural, que se mantinham em plano equiparável ao do ensino superior em nossas Faculdades de Filosofia de hoje.

Sua frequência era a mais honrosa possível. Bem mostrava o índice de interesse pelas coisas da inteligência que brindava o espírito das classes mais cultas da sociedade. E aceita-se como certo que o tipo de formação das camadas sociais mais representativas define, até certo ponto, o nível cultural de um povo. (1) Ali, ao lado do núcleo estável e constante dos alunos que seguiam regularmente o curso, eram vistos, dia a dia, militares, professores, músicos, jornalistas, médicos, advogados, poetas, literatos, senhoras e senhoritas intelectuais, numa demonstração do aprêço em que era tido esse gênero difícil de estudos e de sua generalizada receptividade.

Dario Veloso não só acordou em sua gente o amor ao homem e às coisas do pensamento, não só despertou na mocidade a estima pelo labor filosófico, como fez esses propósitos culturais viverem até formar uma quase linha constante de conduta intelectual, uma quase condição de vida do espírito de sua terra. Conseguiu transportar para o seu tempo e aplicar ao seu meio o estilo pedagógico da cultura grega, com toda a sua elevação e prestígio. Reproduziu, modernizados, aqueles intentos de valorização do saber com que a civili-

ação helênica tanto alçou a mentalidade e o padrão de sua cultura.

Essa linha de ação foi para ele um devotamento constante. Por intermédio dos seus cursos, do seu amor às coisas do alto saber e do seu entusiasmo pelas questões especulativas, a matéria filosófica era versada em seu tempo correntemente pelas camadas sociais mais cultas e penetrada, com exatidão propriedade e o melhor senso crítico e interpretativo, por uma plêiade de autênticos representantes dessa ordem especial de cogitações superiores. Incorporou, de fato, a Filosofia, como matéria de estudos, ao fundo orgânico dos conhecimentos. Tornou-se uma realidade cultural. Seu trato era assíduo e constituía caso de relêvo e interesse vivo numa época em que os assuntos filosóficos eram desconhecidos dos programas de ensino. Completava ele, assim, por iniciativa própria, o que faltava aos cursos oficiais. Pregava sua adoção, insistia na sua necessidade, como uma extensão indispensável aos cursos de humanidades e um coramento natural aos conhecimentos superiores. Foi longe sua atuação nesse sentido. A reorganização do ensino universitário, que nos deu as faculdades especializadas de estudos filosóficos, veio mostrar que ele tinha razão. Já queria ele o que se faz hoje pelos novos padrões de cultura, em indagações de conhecimentos clássicos e em preparação para as altas pesquisas — filosóficas, humanísticas e científicas.

Vê-se que, como didata, adiantou-se ao seu tempo. Adotou para suas normas e prescreveu para sua época os processos que todos os degraus do ensino pretendem hoje incorporar sua organização e à sua metodologia.

O ensino foi para ele um grande terreno — útil, produtivo, fecundo. Dentro dessa área de ação ninguém poderá conseguir mais do que ele realizou. O desdobramento de efeitos concretos e perduráveis que obteve é uma ocorrência ímpar, como resultado de uma ação individual. Não só planejou o gosto pela liberdade de pensamento e o amor às coisas do saber no coração e no espírito de uma sociedade letrada, não só previu e traçou uma conduta cultural ao seu País.



como fêz do ambiente educativo um meio de sementeira que correspondeu de modo excelente às exigências dos seus ansios idealísticos. As reações duradouras e profundas que aí se operaram por seu intermédio — e cujos resultados definidos êle soube recolher com todos os detalhes na sua retorta de saber e experiência — perpetuam-lhe o pedestal do nome e dão caráter de sobrevivência cada vez mais expressiva às normas e aos critérios culturais que êle semeou.

Essa conquista, que representou uma superação aos próprios ideais do tempo, é um patrimônio que o Paraná conserva e cultua com o maior entusiasmo e a mais sadia compreensão. Ainda hoje está bem vivo e puro o lineamento intelectual das diretrizes que êle traçou e fêz circular na imaginação e no sangue de sua época.

Mas representou apenas um primeiro plano, na estruturação cultural por êle desenvolvida, essa atuação, através dos seus cursos regulares, sobre o meio educativo e o mundo social. Conseguiu muito, ainda além desse nível.

Até aí, estava o professor — o didata.

Antes de passarmos ao exame de outros ângulos, onde começam a aparecer os traços dos seus esquemas pessoais, acentuemos melhor o efeito de sua estilística pedagógica, que merece ser destacado da maneira mais completa, porque marca, nêle, um dos seus mais distintos e apurados modos de ser, e daí decorrem quase todos os seus comportamentos posteriores de ação. Concedamos a êsse poderoso vincto do seu espírito o espaço que merece e reclama para ser delimitado.

Como professor, tinha *alunos*, e não *discipulos*, considerado o termo — *discipulo* — no sentido de pessoas que, além de aprenderem com quem lhes transmite os ensinamentos, tomam suas idéias e adotam suas opiniões. Não só ouvem o que lhes ensinam, como aceitam, sem resistência nem exame prévio as opiniões de quem as emite.

Entre aprender *com alguém* e *de alguém* a diferença é grande.

Na primeira situação estão os *alunos*, pessoas que aprendem com os professores. E como se todos sentassem numa só mesa para estudar, havendo apenas diferença de grau de conhecimento, maior para o lado do professor. O professor representa um ponto de convergência e informação, ao mesmo tempo que um centro irradiador de interesses, mas todos — professor e alunos — se acham no mesmo plano, sem nenhuma diferença constituída em categoria ou autoridade. O professor é um comandante sem divisas, um companheiro experiente de jornada, que expõe sem impor. Ao mesmo tempo que explana e esclarece, recebe ou pode receber sugestões e perguntas, na mesma igualdade democrática de coligismo e camaradagem.

Na segunda situação estão os *discipulos*, pessoas que aprendem *dos* mestres. Um tanto raros, hoje, dentro da orientação liberal do ensino moderno, são êles fruto das organizações disciplinares que exercem o ensino. Aí, pautados pelo arbítrio de uma chefia ou mando, confundem-se, na mistura dos hábitos impostos, os deveres de hierarquia e obediência com as aquisições de natureza intelectual. Surgem estas, assim, viciadas pelo toque dos costumes disciplinares, contaminadas pelas vivências obrigatórias do meio, ajustadas a uma bitola regimentar restritiva e direcional, e incapazes de qualquer mostra de autonomia — que aí seria equivalente à indisciplina, à rebeldia, à insubmissão. Há como que um tabelamento prévio das manifestações de mentalidade. Tammam, assim, os discipulos, não só os conceitos, os julgamentos — isto é — a indumentária intelectual do seu mestre, como muitas vezes, os seus próprios modos, gostos e inclinações. Aprendem *dêle*, só vale o que êle diz, nêle vêm um exemplo, um caminho, e — tal seja a intensidade da superestima a que sejam levados nesse sentimento — o mestre, que pode ser simples e despretensioso, pode chegar a ser tomado como uma espécie de símbolo, como paradigma — mira de aspiração máxima e última a atingir. Dai a considerá-lo meio de salvação dos erros humanos é um passo. Trilho perigoso.

que leva aos fanatismos, às intolerâncias, aos extremismos de toda espécie.

Mesmo no seio do ensino liberal permanece a necessidade dessa noção diferenciadora entre a chamada "instrução intelectual" e a denominada "Educação orgânica". A *instrução* fornece apenas os elementos, as noções, articula propostas ao intelecto, pouco importando o modo como vão ser usadas. A liberdade é a regra. Cada um dispõe do que adquire como quer. A *educação* modela e ajeita, segundo certas normas ou éticas, que serão sociais ou profissionais, e para fim determinado, expresso e definido. Para os primeiros degraus da aprendizagem e para os cursos de ofícios a questão perde de importância, porque a aprendizagem exige uma primeira orientação e os cursos de artes e ofícios subentendem uma técnica, sendo estes períodos mais de aplicação e desenvolvimento das habilidades de cada um do que das faculdades da mente. Nesta primeira etapa — etapa de colheita de elementos instrumentais para o conhecimento, onde o ensino é chamado fundamental — é indispensável a imprime-dura de uma orientação adaptativa, de conexão entre as faculdades virgens e as coisas — os primeiros "achados" — a que elas se apliquem. O educador faz aí o papel de mordente — como se diz em química ao fixador de matérias corantes — exerce o papel de agente desencadeante para as reações do aluno.

Mas, para instrução propriamente intelectual, o caso se torna delicado e digno de minuciosa e honesta discriminação.

Na própria natureza da *instrução* existe, implícita, a premissa de cooperação e a intenção de democracia. Uma educação mal moldada, em vez de congressar, pode levar ao isolamento pelo sectarismo, ao exclusivismo que separa. As convicções, ao contrário, mesmo veementes quando advindas de uma instrução não direcional e sem decalques, aproximam os elementos uns dos outros, reúnem um colégio os defensores de cada pósto. O entusiasmo compreensivo é o ponto de reunião que harmoniza a assembléia de comba-

tentes. Os propósitos de colaboração combinam-se aos desejos e intentos particulares, para o objetivo comum e supremacia final dos esforços conjugados, onde uma parte dos designios e vontade de cada um reponta de modo satisfatório na totalização dos resultados. O espírito democrático da civilização moderna — que a experiência e os conselhos históricos indicam que há de prevalecer entre os povos — assimila essas pautas da *instrução*, faz suas essas normas racionais de ação conjunta, que consideram como natural parcela consciente de coletividade o indivíduo — que a ela não se subjugava nem sobrepõe, mas dá ao todo o que ele merece e retém para si o que precisa, para resguardo das confrontações da individualidade e garantia dos limites sociais da pessoa humana.

Se para a *instrução* bastam professores, para a *educação* — tarefa mas profunda e complexa — os professores assumem um pouco o papel de mestres, no sentido de que a *educação* inclui a exemplificação de normas de hábitos a serem adotados, modos de vida, atitudes de ação, sistemas de conduta e critérios morais, de cuja incorporação, aos modos de ser ou nos gêneros de comportamento de cada um, quem ensina nunca se furta de ser tomado como tipo.

Se os dois terrenos — o da *instrução* e o da *educação* — em verdade são um só até certo ponto, não havendo entre eles limites definidos, e sendo difícil dizer, muitas vezes, onde um termina e o outro começa, — é uma questão de percepção íntima, de sensibilidade de consciência de quem ensina, caminhar mais para um lado ou para outro na esteira dessa linha divisória, no âmbito desse nimbo indiferenciado, e fica sempre entregue ao juízo pessoal do pedagogo o modo de atuar com maior ou menor quota de si mesmo nesse espaço fronteiro, cuja largura de faixa é, quase sempre, função da elasticidade da interpretação de cada um, em face do que transmite ou aconselha. Pelo modo de ação nessa fase, onde as influências pessoais podem ser insensivelmente inoculadas, é que se afere das virtudes, dos escrúpulos e da probidade intelectual de um pedagogo.

Fora dêsse caso, os dois campos oferecem setores bem claros, de contornos certos, que não podem ser confundidos.

Compreende-se facilmente o quanto a noção de "economia", por exemplo, difere da noção de "economia dirigida". Do mesmo modo, a noção de "cultura", ou "cultura em si", difere muito, difere imensamente, do que se possa entender por "saber dirigido". E os formulários da *educação*, quando pretendem a aplicação de dimensões pressupostas, configurações predeterminadas ou conjuntos antecipadamente concertados de pesos e medidas para as provisões do espírito, podem tornar-se fatôr de "cultura dirigida", o que equivaleria a uma falsa cultura. São inúmeros os exemplos históricos dêste mau processo de ministrar os conhecimentos e inumeráveis os prejuízos daí resultantes para a civilização.

Para as disciplinas particulares, onde se acham os lastros de conhecimentos de que se servem as atividades práticas, cursos utilitários e técnicos de aplicação imediata aos meios de vida — os processos de *educação*.

Para a especulação não sujeita a um cunho de necessidade direta e imediata de aplicação ao tempo e ao espaço, subentendidos pelo sentido da existência, para a especulação "desinteressada", que leva ao espírito os frutos das indagações gerais e que busca o conhecimento em si, sem compromissos forçados com qualquer modo particular de ser — os métodos de *instrução*.

Pensamos seja esta uma questão definitivamente colocada, de contornos pacíficos e área reconhecidamente assentada. Daí certa incoerência dos sistemas atuais de ensino, que fazem da "Escola ativa" um método espontâneo, destinado a permitir o máximo de expansão à natureza das crianças, e chamam às casas de ensino — institutos de "educação".

Esta questão do estreito relacionamento intelectual entre ensinar e aprender é tão velha quanto importante. Já o ilustre calígrafo de oitocentos, Manoel de Andrade Figueiredo, em sua "Escola nova", obra notável para o tempo, dizia, em 1722, de modo justo, ao recomendar, para a única ma-

neira pedagógica conhecida, os bons preceitos escolares entre mestres e discípulos: — "Devem buscar-se para o ensino, mestres virtuosos, sábios e honrados: virtuosos para que, com sua virtude e bom exemplo, os edifiquem, instruindo-os no verdadeiro princípio da sabedoria; sábios, para que não empreguem os pais mal a sua fazenda nem os filhos o tempo; honrados, para que as crianças tenham mestres de quem se possam prezar. É preciso que nos mestres se verifiquem as circunstâncias de ciente e virtuoso, para que os meninos, bebendo êstes exemplo, vão ao mesmo tempo, adiantando-se nas letras e crescendo nas virtudes".

Instruir é expor e induzir. Busca a espontaneidade, quer o esplendor da personalidade, manifestada em toda a sua plenitude. Educar é conduzir e modelar. Prevê um acondicionamento do indivíduo, o ajuste da pessoa a um propósito. A instrução presume alunos e professores. A educação, discípulos e mestres. O educador moderno situa-se num ponto intermédio, de dupla responsabilidade, que imprime à *instrução* um sentido e tira à *educação* os seus decalques.

Os métodos atuais do ensino usam o termo *aluno* sem diferenciá-lo de *discípulo*. Mesmo os tratadistas renovadores, que se inspiram em Rousseau, prestam muito pouca atenção a êsse modo de ser das manifestações pedagógicas, que é preciso levar muito em conta, em vista das características de sentido doutrinário que daí podem advir.

Poucos terão pensado em que, pela própria origem das palavras, *magister* não é só "o que ensina", mas, "o que manda, dirige, ordena — é o maioral". De *mestre*, veio *amestrar*, de *discere*, *discípulo*, e dêste, *disciplina*. Ao passo que não há étimo de subordinação entre *professor* (o que cultiva, o que versa), de *profiteri* (declarar, manifestar), *instrução*, de *instructio*, e *aluno*, de *alcere* (desenvolver, nutrir, alimentar). (2).

As expressões encerram dois sentidos, inclusive em sua etimologia. Abrigam duas acepções de distinto conteúdo, que é preciso acentuar, e tanto mais quanto representam, nos

quadros ativos da pedagogia, duas mancinhas de intervenção dos agentes do conhecimento sobre as faculdades psicológicas.

Quer seja considerada como representação da vida social como quer Dewey (3), como método espontâneo de aproveitamento das faculdades inatas, como quer Ferrière (4), ou como obra de aplicação positiva e concreta dos dados a ensinar como quer Aguayo (5), — em qualquer dessas modalidades a escola hoje prevê, à pessoa que aprende, um direito que todos os métodos defendem e consagram: o desenvolvimento natural, o florescimento espontâneo das aptidões de cada um.

Qualquer desses métodos, quando passam dos seus fundamentos às aplicações, vão — como é natural e inevitável, porque aí está uma espécie de lei constante entre teoria e prática — encontrar no terreno humano os acidentes vários evidenciados na topografia psicológica, que exigem uma especificação nos processos a adotar, para cada espécie ou grupo de casos. Mas, mesmo aqui, nota-se que apenas a uma parte da coletividade escolar se torna necessária a aplicação de regime organicamente *educativo*, para coordenar, ajustar e estimular os dotes mal revelados e pouco salientes de alguns — alguns poucos — que formam a fração dos menos dotados. Porque, nêstes, de apreensão apagada, a aprendizagem entra pela força do hábito, e só pela porta dos costumes se introduzem as noções no íntimo pouco vibrátil, cercado, às vêzes, de uma espessura de indiferença que é preciso vencer. Aos medianamente normais, já a ação orientadora deixa de ser uma necessidade, e para os superiormente dotados nenhuma *imprimidura* de caráter exterior deve fazer-se sentir. A alma humana é complexa. E, muitas vêzes, esquemas metódicos, por mais flexíveis que sejam, mais desviam uma capacidade de expansão do que lhe servem de guia. Este é como um terceiro estado do espírito, o gasoso, que tende a dilatar-se e expandir-se por si mesmo, cuja pressão se altera por mínimas variações de temperatura e cuja propensão é abranger sempre o maior

espaço intelectual possível. Os normais são o segundo estado do espírito, que corresponde à forma líquida. Tudo nêles flui medianamente bem, normalmente processado. Os subnormais, de reações lentas, de fraca aptidão — os cabeça dura — são o estado sólido do espírito. Exigem, não há dúvida, uma prévia moldagem do receptáculo mental ao agasalho do material do conhecimento e uma preparação antecipada desse material — uma adequação ao clima mental individual, de fraca temperatura, a que se destina — e que, mesmo assim, bem escolhido e aplicado, é aceito aos poucos, sob toda uma série de limitações e ajustamentos, que deve ser vigiada pelo faro propedêutico do educador.

O professor, que “alimenta” pela instrução, não influi nada quanto ao usufruto dos bens transmitidos. O educador influi um pouco, aconselhando normas e abonando critérios. O mestre influi muito. Imprime o seu sinete na manipulação das matérias do conhecimento. Envia seus produtos com suas armas e seus brazões. Não há método de ensino ou processo de conhecimento que escape a estas contingências.

Não estamos dizendo novidade. Sabemos disso. Não pisamos terreno virgem nem pretendemos redescobrir o que está descoberto, estudado e sabido. O que nos leva a demorar nêstes dados e examiná-los com insistente e cuidada atenção é o fato de não serem êles um pormenor para o caso que nos ocupa.

Não são questões secundárias êsses aspectos, aparentemente indistintos, do ofício de ensinar e da ocupação de aprender. Apesar de secular o seu conhecimento, êsse conceito merece ser levado em atenta consideração, pelas suas conseqüências sobre os alicerces de uma cultura. São noções de primeiro andar, ou noções térreas — as iniciais e primárias e por isso, mesmo grandes e importantes, onde fincam suas primeiras estacas os elementos do “ser” e do “conhecer”, onde recebem seus primeiros toques os princípios fundamentais da ideação e do sentimento — caminhos tronco do espírito para a longa jornada do saber.

Nesse duplo binômio — instrução — educação, professor — mestre, e no modo como preponderam os primeiros ou os segundos termos sobre a estruturação mental de uma época está sem dúvida a grande pedra fundamental do edifício do conhecimento. As celêumas que devastam o campo, arduamente pelejado, em que se exercem as atividades do espírito, são conseqüências, as mais das vezes, próximas ou remotas do modo como reagem, em cada região do saber, os fâcies resultantes de um ou de outro desses comportamentos primeiros que substantivam as fontes originárias do conhecimento.

A instrução em si, e só ela, capacita a inteligência bem provida a uma estatística das idéias tomada de um ponto neutro. Ninguém de capacidade se furta de ter um juízo seu, seja qual for, sobre o que observe e conheça. Ninguém, guarnecido de cédulas cerebrais hígidas e alimentado de idéias, deixará de ter um gênero de comportamento intelectual. Mas o que é necessário é que um ponto de vista particularista não ofusque com suas cataratas a visada meridiana de um descortino geral, não obstrua o caminho central, harmônico, que leva ao ponto alto das sínteses finais. Desta posição é que deve decorrer o juízo pessoal, e não o todo ser julgado através de uma de suas partes. E a via natural de acesso e esse pósto difícil, mas de indiscutível superioridade para o espírito, é a instrução em si mesma, pura como a cor branca do disco rotativo de Newton ou como a luz: — embora tenham tôdas as cores do espectro em sua formação, não se adjetivam por nenhuma delas — continuam brancas.

Nada de novo nisto. Está aí uma velha questão, sempre ferida, focalizada obrigatoriamente, quando estão em estudo as razões do espírito especulativo, raciocinador e intuitivo, em face das opiniões que evoluem.

Uma procura na origem destas afirmações nos leva ao caminho inicial que as conduziu ao nosso tempo, onde vamos dar com Rogério Bacon, Galileu, Francisco Bacon,

Descartes, Kant, Augusto Comte, Bergson e, na atualidade, Einstein e o pensamento contemporâneo.

O franciscano Rogério Bacon, no século XIII, foi o primeiro a fazer da experimentação a base da investigação científica, estabelecendo para seu estudo, o critério fundamental, daí em diante permanentemente adotado, de "ir do fato à lei". O espírito investigador do tempo, armado assim de novos instrumentos, descobertos pelo gênio renovador do velho monge de Oxford, passou a julgar a ciência como não terminada — o que constituiu um arrôjo vulgar em vista dos ideais sedimentados que até então predominavam — que não parassem o esforço e o impulso do pensamento e do estudo em nome do respeito devido aos antigos (6). Daí partiu o movimento de renovação dos conhecimentos, operado com amplitude e envergadura quatro séculos mais tarde, em XVI, com Galileu, através de suas induções científico-matemáticas e de suas demonstrações reformadoras sobre as leis da mecânica e da física, bem como pelo seu contemporâneo Francis Bacon, "porta voz autorizado das idéias novas que Galileu proclamava", e que empreendeu o processo de revisão dos conhecimentos antigos sob a luz de novos conceitos, "combateu e elucidou erros dos antecessores, aclarando os métodos científicos, influenciou a marcha do espírito" (8) e abriu novos caminhos para os conhecimentos através da análise das causas do erro humano (9). Ao mesmo tempo, Wilian Harvey, tomado das mesmas idéias de revisão dos velhos assentamentos empírico intuitivos, que sustentavam a sabedoria antiga, tida como científica, empreendeu experimentos originais sobre fisiologia e ciências naturais, colocando os conhecimentos biológicos noutras bases (10). Na mesma ordem de aperfeiçoamento dos dados gerais do conhecimento, aparece Descartes, (11) cerca de trinta anos depois, com a sistematização metódica dos objetos de estudo, só admitindo como verdadeiro o evidentemente inegável, dividindo as dificuldades de cada caso em tantas partes quan-



tas possíveis, subindo gradualmente dos objetos mais simples para os compostos, a fim de se possibilitar ao espírito a formação de juízos os mais completos possíveis em todos os sentidos (11a.) Este é, sem dúvida, o grande mérito do seu sistema: ao lado da valorização que atribuiu aos dados intelectuais como fatores humanos de julgamento. Kant, com a hierarquia da razão, cuja insuficiência reconhecia, mas, mesmo assim, considerando-a "único critério sustentável para se chegar ao conhecimento"; Conte, com a interpretação positiva dos conhecimentos; Bergson, (12) fazendo da intuição um poderoso instrumento de penetração para o espírito e da velha noção de "tempo" um novo quociente do saber; e Einstein, nos nossos dias, com a indução exata, realizando a síntese matemática da física, recentemente anunciada (13), completam uma cadeia luminosíssima de pontos culminantes, donde resultou um conjunto de fatos, intuições, leis e postulados do conhecimento, que constituem o chamado "espírito moderno".

Nestes pensadores é que o rastreamento das idéias pedagógicas encontra suas bases filosóficas, que provêm d'êles, e não da escolástica, como erradamente se pensa e indevidamente se proclama.

Justamente neste sentido — o filosófico — é que mais sabe o valor discriminativo das duas expressões — *instrução e educação* — verdadeiros fatores dinâmicos de fundo para e gênese ideativa do espírito, cujo valor pedagógico aqui procuramos definir.

Sintetizando:

Os recursos e meios transmissores do ensino, que se exercem no período de formação do espírito, devem ter uma função expositivamente indiferenciada. Pois, só assim, depois de se ter formado o intelecto nesse ambiente de polivalência intelectual, e depois de constituída uma consciência cultural forrada dos dados integrais que a humanidade guardou, poderá cada um tomar para si e por si, a atitude que lhe aconselha a supervisão do seu foro íntimo,

sua ciência consciente ou a sua intuição, atuada pela irradiação meridiana dessa espécie de ótica solar, abrangente e compreensiva, projetada de todos os ângulos do entendimento sobre todas as dimensões do espaço cultural, que é o *saber in si*.

É certo que os grandes idealizadores, os mestres do pensamento, os homens que criaram um sistema seu ou remodelaram os cânones do saber, nunca se eximem de ser mestres, nunca fogem dessa posição de singular prestígio e ascendência para o mundo que os observa. Sempre tiveram e têm discípulos. E seus sistemas doutrinários precisam d'êles para a sua propagação e sobrevivência. Mas, aqui, já se trata de um plano em que o intelecto domina o estoque "incondicionado" dos conhecimentos, em grau necessário para a formação própria de um juízo. A auto decisão pode falar por si, a mente julgar por ela mesma, aperecebida, já, de elementos suficientes para o reconhecimento e a identificação da natureza dos fatores formativos das idéias. Essa adesão de um julgamento a um resultado orçamentário do espírito, assim refletida no senso exato do discernimento e filtrada na indagação apurada da análise, é um efeito grandioso e alto das operações conscientes, que dá brilho, palpitações e haustos de vida autêntica às culminancias do saber.

Nessa atmosfera das altas camadas do entendimento, onde pairam as interrogações supremas, as faculdades humanas precisam daquêles esboço de confiança ou fé, que é, ao mesmo tempo, germe de todos os regimes sociais, de todos os ideamentos filosóficos e de todas as crenças. Há aí uma espécie de recomêço num mais amplo e novo sentido, uma empresa intelectual de verificação, um encontro de contas do intelecto com a natureza dos seus bens, que vai dos alicerces angulares aos balanços-teto do espírito. Já não é mais um mapa apenas geográfico das idéias, mas sim um mapa geológico ou geodésico do pensamento, que se procura levantar. Voltam-se sobre si mesmos os dados

adquiridos, numa ação reversiva, reconsiderando o conhecido e indagando além do conhecido. E daí, as preciosas revisões que descobrem segredos que antes escaparam, corrigem falhas e justam incertezas, apontam lados inseguros, melhoram e aperfeiçoam a obra do espírito, recapitulando as buscas que se processaram nas galerias do passado, re-inspecionando as fontes aquisitivas do presente e inquirindo no reino do incerto e do duvidoso, nesse afã incessante de completar, nesse permanente aspirar a saber sempre mais e melhor.

Depois dêsse inventário último, depois dêsse balançamento de ativo e passivo, em que se incorpora ao entendimento o patrimônio complexo da incessante indústria do espírito, — duas situações se defrontam à inquietude do temperamento indagador, senhoreado, já, da necessária bagagem hábil de conhecimentos que a inteligência humana lhe oferece à proibida da apreciação: ou não lhe basta o que está feito e ele cria um modo, seu próprio, de pensar — se para isso lhe assistem recursos, — realizando um sistema que melhor responda às suas incomuns e excepcionais necessidades de conhecer, ou adota um dos modos de pensamento já existentes, assim como são, ou modificados. Dessas organizações superiores de homens é que o saber se beneficia e o espírito humano se nutre. Esses são verdadeiramente os *mestres*, os *guias* de todos os tempos. Não se apressam em inculcar nada aos que lhes seguem o caminho tumultuoso e áspero da elaboração do pensamento. Não aparecem nem se exibem pelo fresto dos julgamentos incompletos. São seres que não se mostram — demonstram-se. Afirmam-se pelo que de valor permanente emanam de si, evidenciam-se pelo quanto de sua identificação com o sentido universal da Verdade, pelo seu parentesco mental com a Essência do mundo.

Dario Veloso, em quem borbulhava um desejo ardente de propagar o que sabia e de ceder a outrem o que aprendera, teve a virtude de fugir sempre a qualquer gêne-

ro de idéias segregativas. Da instrução fez não só a base da elevação dos espíritos, mas a base do melhoramento social e humano. Achava que a liberdade esclarece melhor. Que deixados a si mesmos, no gozo completo das suas próprias faculdades, nutridas das fontes puras do conhecimento, os homens melhor a si mesmos se norteiam. O sentimento sempre cáldo que tinha pelas idéias não era por um modo de saber, mas pelo saber em si. Queria das doutrinas não o que parece que têm sido até hoje — grupos de compartimentos estanques, de densidades diferentes, com pouca possibilidade de comunicação recíproca, — mas que fóssem membros de uma mesma família de idéias, ligadas entre si por laços naturais de compreensão.

O que êle desejava com êsse longo e escrupuloso processo do ensino, visando a liberdade do entendimento e a livre manifestação intelecto-sensível do estudante, era estabelecer, dentro dos cânones da instrução, um sistema de comunicação natural dos conhecimentos, despedado do qualquer sombra de ensinamento “à caráter”, que permitis se o desdobramento completo das faculdades cognitivas, de modo a que se constituísse, intacta, em tôda a amplitude das aptidões individuais, a formação da personalidade.

Não parece que os modernos processos de conhecimento e de filosofia consigam mais, pensem melhor, ou demonstrem estar superados os recursos dessa maneira cultural-idealística, que foi para o grande professor um plano de trabalho de imensa envergadura e um permanente imperativo mental de conduta.

Para êle, a finalidade última da instrução é tornar os homens conscientes e livres. Como Pitágoras, achava que “no livro da Natureza só o termo sabedoria é sinônimo de

- 1) — *J. Costa Ribeiro* — A Pesquisa científica e seu Desenvolvimento no Brasil. — Boletim Geográfico, ano V, n.º 51, junho de 1947.
- 2) — *Saraiva*. — Dicionário Latino.



- 3) — *John Dewey*. — Vida e Educação. — Trad. de Anísio Teixeira.
- 4) — *Adolphe Ferrière*. — Libération de l'Homme. E'dition du Mont-Blanc, Genève (Suisse).  
— A Prática da Escola Ativa. Trad. de A. Neves da Silva.  
— A Lei Biogenética e a Escola Ativa. — Trad. de Noemy Silveira.
- 5) — *A. M. Aguayo*. — Pedagogia Científica. Trad. de J. B. Damasco Pena.  
— Didática da Escola Ativa. — Trad. de J. B. Damasco Pena e Antônio D'Ávila.
- 6) — *Louis Fiquier*. — Vies des Savants Illustres, pág. 2  
— Dicionário Internacional, pág. 1097.
- 7) — *Henry Thomas*. — Vida de Grandes Filósofos.
- 8) — *Dario Veloso*. — História da Filosofia, esquemas.
- 9) — *Henry Thomas*. — Obra citada.
- 10) — *Louis Fiquier*. — Obra citada.
- 11) — *Dario Veloso*. — Trabalho citado.
- 11) — *Descartes*. — Discours de la Méthode — E'ditions de Cluny, Paris.
- 12) — *Henry Thomas*. — Obra citada.
- 13) — *Dario Veloso*. — Trabalho citado.  
"A Manhã", suplemento "Vida Política", pág. 1, 23  
-4-50

## TEATRO DE BONECOS

### Considerações práticas

ELZA DE MOURA

Quando falamos em teatro de bonecos, abrangemos um grande campo de estudo, principalmente literatura e metodologia da língua. À primeira vista, parece-nos que teatro de bonecos é um simples divertimento.

Focalizando o aspecto metodológico do teatro de bonecos, é oportuno trazer aqui o nome da professora Lúcia Casassanta que, de um modo especial, estuda e conhece a metodologia da língua. Baseada nas suas magníficas aulas é que foi possível reunir material metodológico para o nosso teatro de bonecos.

Quando abordarmos a questão dos valores dos fantoches ressaltaremos ainda mais os ensinamentos da professora Lúcia Casassanta. É o que faremos no próximo artigo.

Falemos, hoje, alguma coisa de caráter mais prático. Façamos o nosso teatrinho de bonecos. Não custa tanto uma tentativa, uma experiência. Tudo depende de um comêço. Se já há um palco próprio, muito bem! Caso contrário, não tem importância.

Há peças adaptadas ou criadas para o nosso teatro? Se não há, vamos escrever ou adaptar as nossas histórias. Não é tão difícil assim! Basta obedecer a umas poucas regras e assim teremos as nossas peças, de acôrdo com os princípios metodológicos e literários.

Quando se tratar de histórias fantásticas, não misturemos elementos religiosos com os irrealis. Por exemplo, no caso de aparecer uma fada, deve ser uma fada e não um anjo ou o Menino Jesus. Essa mistura, além de confundir

o espírito da criança, diminui a sua apreciação literária. Uma história com elementos de transformação rápida não é uma história religiosa.

Não formar preconceitos contra raças, religiões e natureza de trabalho.

Nas histórias fantásticas, as bruxas e feiticeiras devem ser feitas e sempre inclinadas para o mal. As fadas, ao contrário, lindas e sempre inclinadas para o bem. Os gigantes, pouco inteligentes, e enganados por entes espertos; os dragões, misteriosos, sendo um desafio para os que deles se aproximem e vencidos por uma criatura virtuosa.

Respeitando êsses princípios, vamos escrever as nossas histórias. Vamos, também, confeccionar as nossas cabeças, com jornal velho que é coisa fácil de ser obtida. Podemos ralar o papel ou cozinhá-lo, passando-o depois na máquina de picar carne. Avisamos que isso estraga a máquina. Ralar é melhor. Se alguém tem preguiça para empreender tal tarefa, é fácil resolver o problema: fazer uma espécie de mutirão com uma meia dúzia de crianças, ralando papel em ambiente alegre, com cânticos e brincadeiras.

Uma vez ralado o papel, juntar grude, amassando bem e assim estará pronta a massa para ser trabalhada sobre modeladores. Qualquer cabeça se presta, desde que seja óca.

O movimento dos bonecos, no palco, obedece aos mesmos princípios do teatro comum. O que importa é que tudo seja feito o mais naturalmente possível. É preciso cuidado para não deixar o boneco aparecer de baixo, mas sim dos lados; não deixar o boneco afundar e variar a altura: conservar uma altura constante. A confecção das mãos pode variar, dependendo do material disponível e do gosto da pessoa, mas os processos simples e fáceis são os aconselhados. É preciso cuidado para não deixar aparecer o braço de quem joga os fantoches. Para evitar isso, fazer roupas compridas que cubram todo o braço.

Os movimentos dos braços do boneco devem ser naturais e não desordenados; abrir um braço, ora outro, os dois ao mesmo tempo, abaixar, levantar, mas tudo naturalmente.

Não mover os braços, incessantemente, como asas de moíno. O indicador deve esbarrar no alto da cabeça do boneco e a ponta dos dedos, que enfiam nos bracinhos, deve entrar bem na mãozinha, o que facilita o movimento, dando mais firmeza e não deixando a mão bamba, flácida, sem vida.

As pessoas que jogam fantoches podem ficar de pé, assentadas ou ajoelhadas, tudo dependendo da altura do palco e do tamanho das pessoas. É preciso cuidado para não aparecerem as cabeças das pessoas, junto com os bonecos. Isso, estragaria o efeito. A criança, que assiste, vive a história e, se ela percebe as pessoas, perde o encantamento. A propósito da criança ficar desapontada, lembramos aqui o fato que se deu com o poeta Emilio Moura, quando menino. À sua cidade natal, chegou uma família cujo chefe exibía um teatro de bonecos — os conhecidos Briguelas. O futuro poeta ficou encantado com os bonecos, sentindo verdadeira fascinação, com toda aquela vida que existia nêles.

Fêz amizade com o filho do chefe e, desejoso de ver os bonecos, a sua vontade foi satisfeita. O garoto conduziu-o ao mundo dos briguelas. Abriu as caixas e mostrou-lhe o conteúdo. O futuro poeta do "Canto da Hora Amarga" sofreu uma terrível desilusão.

— Então eram êsses bonecos sem vida, com os membros flácidos, vazios de corpo e de alma, que o haviam deliciado?

O seu desencanto foi tão grande que sentiu uma profunda tristeza.

Para evitar isso, não mostremos às crianças os bonecos fora de cena, a não ser que elas tomem parte na representação. Quando terminamos a exibição, guardemos, logo os bonecos, porque as crianças, curiosas, vêm imediatamente vê-los.

O palco é uma armação de madeira ou sarrafos, coberta com fazenda grossa. O cenário e os rompimentos são presos em sarrafos ou cabos de vassoura, atravessados em cima,

de ponta a ponta. O cenário é colocado no fundo, para deixar livre o espaço destinado aos bonecos. O palco não tem piso; a ilusão do soalho é dada pelo cenário que pode ser pintado, recortado ou com um simples detalhe que sugere o ambiente. As cortinas devem correr facilmente.

Pronto o palco, vamos dotá-lo de certos arranjos que correm por conta da imaginação de cada um. Na história de Joãozinho e Maria, na de Chapeuzinho Vermelho, na cena da floresta, há mais encantamento quando ouvimos cantos de pássaros. Usemos, então, efeitos variados, de variadas vozes de passarinhos. Um simples papel azul celofane, na luz, presta-se, maravilhosamente, para escurecer a cena quando cai o dia e Joãozinho e Maria estão perdidos na floresta. Uma luz intensa ou uma música suave é de grande efeito quando uma fada aparece. Bem, esses efeitos são para um teatrinho com palco próprio, equipado. Mas a vantagem do fantoche está justamente no seu feitiço prático. Podemos apresentá-lo com palco ou sem palco. Ele se adapta às mais variadas circunstâncias.

Podemos apresentá-lo nas mais improvisadas situações. Como palco, podemos usar uma janela, uma porta onde colocaremos uma colcha ou coisa semelhante; uma mesa virada com as pernas para o lado, é um bom palco. Se a mesa é bastante alta, não precisa ser virada; assim mesmo serve. Nesses palcos improvisados, é natural, não há cortinas. Isso também não tem grande importância. Sem pano para ser fechado, os bonecos retiram-se de cena.

Em palestra realizada no primeiro curso de férias, o Sr. José Carlos Lisboa, falando sobre o teatro na escola primária, focalizou interessantes aspectos da questão, como por exemplo, a formação da criança, através do teatro. O que mais nos chamou a atenção, principalmente, foi o tema: o teatro a serviço da escola, provocando atividades dramáticas, as finalidades socializadoras dessas atividades, a valorização do grupo e não o objetivo de destacar valores (estrelismo), mas sim despertar valores, a criança se movimentando num mundo próprio, sem restrições: a criança escrevendo

suas peças, representando, pintando cenários. No curso para Professores Rurais, na Fazenda do Rosário, dirigidos pela professora Helena Antipoff, as professoras-alunas realizam alguma coisa no campo do teatro de bonecos; adaptam peças, confeccionam bonecos, preparam o palco e apresentam. É apenas um começo se desejamos realizar grandes projetos. Uma realização mesmo imperfeita vale mais que dez teorias perfeitas.

Voltamos a insistir para que as professoras, nas suas escolas e as mães, em suas casas, experimentem tão interessante atividade. As crianças, com grande habilidade, movimentam os bonecos. Elas, naturalmente, se inclinam para eles. Não sonhemos com um perfeito teatro, mas usemos os nossos recursos. O tempo se encarregará do seu aperfeiçoamento.

## Aspectos da Educação e do Ensino nos Estados Unidos da América do Norte



— Mais de 300.000 clubes juvenis masculinos através dos Estados Unidos, comemoraram de 20 a 26 de março de 1950, a semana dos Clubes Juvenis Nacionais, com provas de atletismo e programas dos quais participaram as famílias dos associados. O programa anual dos Clubes Juvenis da Amé-

rica promove a prática de hábitos dignos de um bom cidadão e incentiva os serviços úteis à comunidade.

David Russo, de 15 anos, natural de São Francisco, Califórnia, e que foi escolhido como o "menino mais destacado do ano", é visto na foto, quando recebia um trofeu que simboliza aquela escolha, das mãos de David W. Armstrong, diretor nacional dos Clubes Juvenis da América. A entrega do trofeu foi feita em uma cerimônia realizada na cidade de Nova York.

## Fatos à margem da vida escolar

### AS ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO BRASIL

Discurso proferido pelo Professor Jurandir Lodi, Diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação e Saúde, como paraninfo das diplomandas de 1950, da Escola de Enfermagem "Carlos Chagas", de Belo Horizonte.

— Coube à República implantar o início do ensino da especialização entre nós, antes de completado o primeiro aniversário de sua proclamação: — 27 de setembro de 1890. Essa a grande data da enfermagem no Brasil, que deve ser comemorada, como se comemora as grandes datas da nacionalidade.

Nesse dia, 27 de setembro de 1890, como está na Coleção de Leis da República,

"O Generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, atendendo ao que expoz o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Interior, decreta:

Art. 1.º. Fica instituída no Hospício Nacional de Alienados uma escola destinada a preparar enfermeiros e enfermeiras para os hospícios e hospitais civis e militares.

Art. 2.º O curso constará:

1.º) de noções práticas de propedêutica clínica;

2.º) de noções gerais de anatomia, fisiologia, higiene hospitalar, curativos, pequena cirurgia, cui-

dados especiais a certas categorias de enfermos e aplicações balneoterápicas;

3.º) de administração interna e escrituração do serviço sanitário e econômico das enfermarias.

Art. 3.º Os cursos teóricos se efetuarão três vezes por semana, em seguida à visita às enfermarias e serão dirigidos pelos internos e inspetores, sob a fiscalização do médico e superintendência do diretor geral.

Art. 4.º Para ser admitido à matrícula o pretendente deverá:

- 1.º) ter 18 anos, pelo menos, de idade;
- 2.º) saber ler e escrever corretamente e conhecer aritmética elementar;
- 3.º) apresentar atestações de bons costumes".

Já naquele tempo, era a matrícula limitada a 30 alunos, desenvolvendo-se o curso em dois anos no mínimo.

Se ao Generalíssimo Deodoro da Fonseca coube a sanção do decreto, que tem o número 791, há que não esquecer o nome dêsse Ministro de Estado, que a êle expôs toda a conveniência de começar a formação de profissionais, nome que a todos nós, mineiros, é caro e é grato recordar: José Cesário de Faria Alvim, ilustre filho da Zona da Mata, primeiro Governante eleito de nossa Minas Gerais na República, depois Ministro e Secretário de Estado.

E, por essa forma, tão bela, indissolúvelmente, pelos tempos em fora, Minas, pela ação de seu filho que tanto a engrandeceu, se tornou a pioneira da enfermagem no Brasil. E aquela escola, já com 60 anos de existência, continua a existir, com o nome de Escola de Enfermagem "Alfredo Pinto", e a prestar notáveis serviços ao País, depois de haver permanecido durante muitos anos na inexplicável restrição de somente preparar enfermeiros especializados nos serviços da clínica psiquiátrica, situação de que somente pôde libertar-se graças ao advento da Lei n.º 775, de 1949.

Entre 1890 e 1922, continuou única, no Brasil, a Escola do antigo Hospício Nacional de Alienados, a escola ideada por Cesário Alvim.

Em 1923, com o decreto n.º 16.300, de 31 de dezembro, nova escola surge, com o singular nome de Escola de Enfermeiras, subordinada ao Departamento Nacional de Saúde Pública, então integrante do Ministério da Justiça.

O curso, diz o ato de criação,

"visará instrução teórica e prática, feitas simultaneamente, e será de dois anos e quatro meses, divididos em cinco séries".

Escola calcada em moldes verdadeiramente modernos, teve a servi-la, inicialmente, profissionais especializados, contratados no estrangeiro, como o permitia expressamente seu regulamento, numa segura visão do verdadeiro sentido da enfermagem.

E aqui, temos que ligar outros nomes de Minas à enfermagem do Brasil, porque é a Artur da Silva Bernardes, antigo Presidente de Minas, que, como Presidente da República, a 31 de dezembro de 1923, criou a Escola hoje denominada "Ana Nery". E, para mais à nossa Minas prender a glória dos atos em favor da enfermagem, vale lembrar que, como Ministro da Justiça, referendou o Decreto n.º 16.300. João Luiz Alves, rutilante espirito, que desapareceu como Ministro do Supremo Tribunal Federal.

O Destino, caprichoso, ainda quis que outro mineiro glorioso por tantos títulos, se prendesse aos atos maiores da enfermagem. E aí temos Carlos Justiniano das Chagas, ou simplesmente, Carlos Chagas, autor do regulamento no qual se criou a atual Escola de Enfermagem "Ana Nery", êste mesmo que dá o nome à vossa, à nossa Escola.

Os 32 anos, que distanciam a segunda da primeira escola oficiais, foram amenizados pela criação da primeira escola mantida por entidade de caráter privado, a de Enfermagem da Cruz Vermelha — do Rio de Janeiro, criada em 1916, até hoje prestando os melhores serviços.

Nesta ordem cronológica, a seguir vem a escola, que nos é muito cara, porque nela tenho os melhores amigos e por-



que criada na terra em que nasci: — a de Enfermagem “Carlos Chagas”.

Devêmo-la à pertinácia do Diretor da Saúde Pública ao tempo, em 1933, o doutor Ernani Agrícola, que, autorizado pelo saudoso Presidente Olegário Maciel e pelo então Secretário de Educação e Saúde, Doutor Noraldino Lima, firmou contrato com a Faculdade de Medicina, para que suas aulas pudessem funcionar no Hospital São Vicente de Paulo, como ainda hoje. É a quarta, em antiguidade, entre nós, e é a segunda fundada no Brasil, nos termos dos novos padrões fixados por Carlos Chagas, em 1923.

Nesta altura, vale recordar um episódio, que se antecipou ao seu batismo.

A lembrança de a ela dar o nome do grande cientista mineiro, houve quem recordasse ao Presidente Olegário Maciel a existência de uma lei estadual, que vedava dar nomes de pessoas vivas a instituições e a vias públicas. O saudoso Presidente prontamente retrucou, invocou os inextinguíveis méritos do grande pesquisador de Manguinhos, méritos que ultrapassavam os objetivos da lei impeditiva. E assinou decreto, a ela indissolúvelmente prendendo o nome de Carlos Chagas, o ilustre filho do oeste mineiro.

Em Minas, já reconhecidas, há mais três: a de Juiz de Fora, “Hermantina Beraldo”, oficial do Estado de Minas, “Frei Eugênio”, em Uberaba, e “Hugo Werneck”, também nesta encantadora Belo Horizonte.

As quatro de Minas se somam as quatorze outras existentes no Brasil, em regra de criação recente, e tôdas empenhadas em servir bem ao Brasil.

É comum, sobretudo ao meio médico, ouvir-se observação no sentido de que é insuficiente para as necessidades do Brasil o número disponível de enfermeiras. Infelizmente é isto uma verdade.

A enfermagem, para que se expanda, carece de escolas. Sem escolas, sem boas escolas, não teremos enfermeiras.

Até agora, a organização de uma escola era um verdadeiro drama para quem se desse ao propósito, porque a legislação federal, longe de ajudar, atrapalhava, por estranho pos-

sa parecer. Não, pròpriamente, por culpa da lei, com o deixar a execução a cargo de pessoas, que nem sempre fizeram compreender o verdadeiro sentido da necessidade brasileira.

É tanto o mal era do homem e não da Lei de 1923, que, de 1942 a 1948, foi possível ajudar o aparecimento de onze escolas novas. A êste propósito, vale aqui recordar palavras nossas, proferidas a 12 de maio de 1949, em solenidade igual a esta, no Rio. Dizíamos então:

“A lei, de que vos servistes, contando já um quarto de século, como lei de ensino não chegaria a ser velha, se lei de ensino fôsse. Sancionada ao tempo em que não existia o Ministério especializado, gerada não no setor do ensino, que o foi no da então Saúde Pública, a lei que inda vigora tem muito de bom e tem muito de ótimo, o que dizemos em voz alta mais como homenagem àqueles que a estudaram.

Posta a serviço do país, assessorada por outra lei, de 1931, eis que os anos se passam, cêrca de vinte, e o ensino da enfermagem continua, praticamente, estagnado, isto é, adstrito a duas escolas fêderais e a desta Casa, bem mais antiga.

Muitos foram os reparos a êste estado de coisas, para o qual se procurou explicação na imprestabilidade da lei vigente, a qual, então se dizia, era de molde a não favorecer o surto de novas escolas de enfermagem.

Que havia ligeireza nesse juízo, ai está, para atestar, a eloquência dos números: com essa mesma lei, antiga, foi possível ajudar se organizassem, de 1942 a 1948, nada menos do que onze escolas novas. Convém salientar que em 1949 possivelmente contará com novas escolas, porque estão sendo estudadas organizações em São Paulo (Capital) e Campinas; em Belo Horizonte, Uberaba, e Juiz de Fora, Minas Gerais; em Curitiba, Paraná; Belém,

Pará; Recife, Pernambuco. Até o mês de abril esse era o quadro das novas possibilidades, em 1949.

Este quadro permite, sem dúvida, concluir que a legislação, antiga embora, nunca teria prejudicado o surto de novas escolas. Se algo prejudicou, não foi a lei. Teria sido o homem. E tanto é verdade que, com a mesma lei, de duas escolas passamos, no período de 1942 a 1948, a onze escolas de enfermagem e a mais uma federal, na Bahia."

Mas, apesar da boa vontade do homem, já as condições do meio eram outras, o que tornou a velha lei inadequada. Daí a Mensagem do Presidente da República à Câmara, encaminhando projeto de lei, atualizando a sistemática do ensino e tendo em mira:

— possibilitar desenvolvimento no campo da enfermagem;

— integrar nos órgãos técnicos da administração a coordenação dos esforços em prol da enfermagem nacional.

E a lei, que veio em agosto de 1949, procura atender esses objetivos, havendo lançado a possibilidade de existência de dois cursos distintos:

— de enfermagem

— de auxiliar de enfermagem.

Sabemos e sentimos que o de auxiliar não foi bem recebido e que a êle, ainda agora, se opõem certos reparos.

Infelizmente, porém, essa oposição não procede. Já em outra oportunidade tivemos ocasião para sustentar que os opositores à idéia bem

"poderiam retirar suas vistas do Rio de Janeiro e dos grandes centros, para consentir elas passassem o território pátrio, em sua vastidão. Quando o fizessem, logo se convenceriam de que é humana e materialmente impossível cobrir todo o chão brasileiro com a enfermagem de que necessita. Nem mesmo possível é dar ao país as escolas de que êle necessita imediatamente, quer de iniciativa dos Go-

vernos, quer de iniciativa privada. Além disso, em muitos casos, sobretudo na parte sanitária, a auxiliar de enfermeira pode realizar a tarefa com eficiência, quando supervisionada pela enfermeira. Amplia-se, por êste modo, o efetivo desse exército do Bem, que, então poderá atuar nas sedes das grandes endemias, nas regiões mais afastadas dos grandes centros, com elementos locais, preparados em escolas auxiliares também locais, sempre dirigidas e lecionadas por enfermeiras. É forçoso lançar mão desse recurso, para salvar a vida de milhões de brasileiros, vida que não ultrapassa a primeira infância, pela hostilidade do meio em que vivem a luz do dia, hostilidade que a ciência sabe remover mas que não dispõe do material humano para o fazer com a amplitude e a decisão que a calamidade reclama, como a desafiar a administração.

Persuadimo-nos de que a instituição nova, de curso de auxiliar, desde que bem definidas suas atribuições pela Saúde Pública, é obra de sagrado patriotismo, ao qual não pode faltar o apoio de todos os bons brasileiros, realmente desejosos de ver a erradicação de tantos males, que depauperam e que afligem o caboclo brasileiro, tão mal compreendido. É preciso não esquecer que cada criança brasileira salva das endemias rurais é um emigrante a menos a importar. E o que isto significa para o Brasil é simplesmente incalculável.

Eis por que se trata de obra de sadio patriotismo. É verdade, e causa reparos, que o acesso a tal curso de auxiliar se faça com apoucadas exigências — certificado de curso primário ou exame, na própria escola, de noções de língua pátria, de aritmética, de geografia e história do Brasil. Isso, que é quase nada, é o mesmo, praticamente, do que hoje se exige das chamadas enfermeiras obstétricas, que em nada servem ao brasileiro que quer e não pode trabalhar a terra.

Convenha-se, por outro lado, que das meninas, habitantes dos vales dos grandes rios brasileiros, já é exigir muito, porque as escolas, para elas, para quase tôdas, é cousa mitológica. A vós, enfermeiras, que tivestes a glória de poder cursar uma grande escola, a vós também vos cabe a tarefa de ajudar a brasileira abandonada, integrando-a na sociedade, ensinando parte especial da arte e da ciência da enfermagem, para que ela, filha do sertão hostil e bravio, possa ajudar seus irmãos, salvando-os da morte, orientando-se pelo que determina a enfermeira, pelo que traça o médico. Porque lá, presadas jovens, quase somente as de lá, com seus espíritos caldeados na brutalidade do meio agressivo, estão predispostas à cruzada santa, que diviniza a Saúde Pública, na sua obra de integração do Brasil no Brasil".

Isso que então sustentamos, ainda hoje sustentamos porque não abandona nossa preocupação constante a sorte das nossas populações interiores, as mais carentes do socorro que só a enfermagem pode dar, mas onde a enfermagem não pode chegar em tôda sua intensidade, porque absorvida pelas reclamações dos grandes centros, onde não é menor a falta de boas enfermeiras. A verdade é que não podem as populações interiores aguardar o extravasamento do excesso dos grandes centros, porque os problemas que as abatem são prementes, tornando criminoso tôda demora.

De qualquer forma, já temos a primeira lei brasileira, cuidando, especialmente da enfermagem, na República, como a renovar o sonho de Cesário Alvim, aos albores do novo regime, para lançá-lo sobre firmes alicerces.

Com a lei nova, já não assistiremos, como em 1932, a decretação da validade de diplomas de enfermeiras, sem que a escola tenha passado pelo exame dos órgãos técnicos do Ministério da Educação, como não assistiremos fato, como o de 1933, que mandou conceder as regalias de enfermeiros a quem houvesse feito um curso prático (prático, repito) de enfermagem ou um curso prático de padoleiro, de

certa Fôrça Policial. Agora, a lei nova não permitirá a repetição dêsses atos, que dificilmente encontram amparo. No que tange ao ensino, à formação, ao adextramento, a enfermagem está, quanto possível, defendida.

Resta, agora, as enfermeiras defendam a profissão, defendendo-se a si próprias. Defender a profissão é assegurar seu exercício exclusivamente a quem habilitado na forma da lei. Defender a profissão é somente permitir seu exercício a quem se houver com honra e com dignidade.

Isto já o afirmam os advogados, com a criação, em lei, da Ordem dos Advogados, como já o fizeram os engenheiros e os arquitetos, com a criação, em lei, do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura.

Com êstes fatos, o Poder Público evidencia que não é infenso à fiscalização do exercício profissional pelos próprios profissionais. E havendo a enfermagem conquistado seus foros de cidadania, com a lei nova, é oportuno encetar nova luta, agora em prol da fiscalização do exercício profissional pelas próprias enfermeiras diplomadas.

É certo que já possuem uma bela associação de classe, filiada a organização de caráter mundial. Mas o objetivo desta não vai, — como não pode ir, até à fiscalização da atividade da enfermeira, no território brasileiro. Isto deve ser codificado num corpo de lei, que criará a Ordem das Enfermeiras do Brasil, órgão autônomo, constituído exclusivamente por enfermeiras, dirigido por enfermeiras, o qual, ao lado do poder fiscal, deve ser armado pelo poder unívoto criteriosamente escalonado, podendo atingir até a suspensão do exercício da atividade, em caráter temporário ou permanente, conforme o exigir o decoro ou a dignidade da enfermeira brasileira.

Mais de uma vez, tenho pregado, em reuniões de enfermeiras, que esta medida deve ser alcançada sem tardança, enquanto a enfermagem, entre nós, está, por assim dizer, incipiente, porque é esta a melhor e única forma de preservar a profissão e mantê-la bem alta no conceito dos cidadãos.

Ninguém melhor para fiscalizar a atividade do que o profissional. Os órgãos inadequados ora pecam pelo excesso, outras vèzes pela deficiência, raras vèzes deixando de pecar.

Porque não pugnar pela criação do órgão adequado, diante do exemplo magnífico da Ordem dos Advogados e do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura ?

Este ano, vai realizar-se, em Salvador, Bahia, um encontro de enfermeiras brasileiras diplomadas, para tratar de vários assuntos, de interesse coletivo. Ai está o momento oportuno para o debate do tema, que, de bom grado, ofereça a quantas se interessam pela dignificação da enfermeira.

Desta nossa Minas adorada, de onde partiu o homem que vos deu a primeira escola de enfermagem existente no Brasil; de onde partiram os homens que nos deram a segunda escola oficial de enfermagem e primeira de alto padrão e a lei que possibilitou a existência de tantas outras; desta mesma terra pode e deve partir o primeiro brado em prol da preservação do exercicio da atividade da enfermeira, condensada em lei adequada, que acompanhe o surto do progresso da enfermagem com a vigilância sôbre a vida funcional da enfermeira, protegendo o exercicio honesto e fustigando os que se esquecem dos deveres para com êsse sacerdócio e para com a Pátria.

Essa a tarefa que venho colocar sôbre vossos ombros, a qual, com o saber que é pesada, não traz incômodo, pois que é de altas dignidade e honra encetar luta pelo Bem comum.

E que é a missão vossa, caras enfermeiras de minha terra muito amada, senão a do Bem, mesmo quando sômente o mal vos cerca ?

Vós vos educastes, jovens enfermeiras, numa casa cristã, orientada pelo espirito cristão. Vale dizer que vos preparastes para, na vida nova que amanhã começa, praticar o Bem, sômente o Bem.

Vivestes as ilusões da idade nestes períodos escolares, e vos deixastes dominar pela alegria moça e forte. Conservai êsses semblantes alegres e felizes, eternamente, no

sacerdócio da enfermagem, na prática da caridade, em tôdas as vossas ações, com a certeza inabalável de que sempre vos acompanha o olhar piedoso do Divino Mestre, amparando-vos e encorajando-vos para maior nobreza do vosso trabalho pelo Brasil, para maior glória da enfermagem.

E, renovando o que já disse algures, estou certo de que haveis, não raro, de silenciar a dôr nos vossos corações, para melhor compreender a infinita Misericórdia Divina. Mas haveis, então, compreendido quanto se diviniza a enfermeira na santidade de sua missão.

Assim, sereis felizes, de alma e de semblante, porque teus compreendido, também, que fostes eleitas, dentre tantas, para semear o Bem, êsse Bem que só o cultiva aquela que conseguiu a graça de ser enfermeira e a graça de ser enfermeira do Brasil.